UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Instituto de Relações Internacionais

Marília Arantes Silva Moreira

“A Viagem do Comandante dos Estados Unidos, Thomas Jefferson Page (U.S. Navy) ao Estuário do Prata (1853 – 1860)”

SÃO PAULO

Setembro de 2013

Marília Arantes Silva Moreira

Artigo I – “Expectativas e impasses dos sulistas norte-americanos no estuário do *Prata*: a questão da navegação dos rios e a viagem do comandante da U.S. Navy, Thomas Jefferson Page (1853 – 1860)”

_____ (pp.4–41)

Artigo II – “Imagens do comandante Thomas Jefferson Page (U.S. Navy) sobre a América do Sul: discurso imperial e o relato de viagem ‘*La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay (1853 - 1860)*’”

_____ (pp.42–71)

Artigos de Dissertação de Conclusão de Curso apresentados à Banca Examinadora da Universidade de São Paulo, no Instituto de Relações Internacionais, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Mary Anne Junqueira.

São Paulo, 2013.

Introdução

Apresento anexos dois artigos acadêmicos exigidos pelo programa de Pós-Graduação do IRI – Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo - para a defesa do Mestrado em Relações Internacionais. Ambos discutem temas relacionados à viagem do comandante norte-americano, Thomas Jefferson Page, da U.S. Navy, a Marinha de Guerra dos Estados Unidos, à bacia do *Prata*, entre 1853 e 1860, época em que, após o advento dos navios a vapor, se discutia no Ocidente a polêmica questão da navegação internacional dos rios. Os artigos tiveram como base documental o relato oficial da viagem, além de cartas, documentos oficiais encontrados nos Estados Unidos, na Argentina, Uruguai, etc.

O primeiro artigo, intitulado **“Expectativas e impasses dos sulistas norte-americanos no estuário do *Prata*: a questão da navegação dos rios e a viagem do comandante da U.S. Navy, Thomas Jefferson Page (1853 – 1860)”**, discute interesses *explícitos* e *implícitos* dos Estados Unidos envolvidos na expedição realizada à América do Sul. Page, um sulista norte-americano, obteve consentimentos diplomáticos de alguns países (Confederação Argentina, Bolívia, Peru e, em certa medida, o Brasil) para a navegação na região, mas de outros não (sobretudo, o Paraguai). Tal perspectiva foi alvo de controvérsias e acabou com o navio *Water Witch* bombardeado por forças paraguaias que restringiram a navegação em rios do seu território. Contrafeito, Page voltou aos Estados Unidos e de lá preparou uma retaliação punitiva ao Paraguai para a qual foram reunidos 19 navios. O artigo foi recentemente aprovado para publicação na próxima edição (dezembro de 2013) da Revista Eletrônica da ANPHLAC - Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas.

O segundo artigo, **“Imagens do comandante Thomas Jefferson Page (U.S. Navy) sobre a América do Sul: discurso imperial e o relato de viagem “*La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay (1853 - 1860)*”**”, como afirma o título, propõe acompanhar as imagens, visões e julgamentos do comandante que foram expressos em sua narrativa sobre os países da América do Sul e divulgados nos Estados Unidos. O artigo mostra que Page construiu imagens positivas especialmente do presidente da Confederação Argentina, Justo José de Urquiza, de quem foi próximo, e imagens muito negativas do presidente paraguaio Carlos Antonio López.

A pesquisa se desenvolveu nos âmbitos da política e da cultura e no entrecruzamento da História e das Relações Internacionais. Os artigos discutem o momento no qual se inicia no Ocidente o debate para a regulação de um importante problema internacional: a navegação internacional dos rios.

Expectativas e impasses dos sulistas norte-americanos no Estuário do Prata: a questão da navegação dos rios e a viagem do comandante da U.S. Navy, Thomas Jefferson Page (1853 – 1860)

Marília Arantes Silva Moreira

Resumo: O artigo discute os interesses dos sulistas dos Estados Unidos na América do Sul, através do estudo da expedição do navio a vapor *Water Witch* realizada pelo comandante da U.S. Navy, Thomas Jefferson Page, pelo rio da Prata e adjacentes. Com poderes para realizar trabalhos científicos na região e diplomáticos para negociar em favor da livre navegação dos rios da região, além de estabelecer tratados comerciais, Page obteve consentimentos para a navegação, principalmente por parte do Império do Brasil e da Confederação Argentina. Contudo, entrou em conflito com o governo do Paraguai, originando uma contenda com o presidente do país, Carlos Antonio López, durante a qual o navio de Page foi bombardeado. Em resposta, os Estados Unidos aprovaram uma intervenção ao Paraguai em 1858, enviando para lá uma esquadra que movimentou navios e canhões para restituir acordos comerciais e viabilizar a segunda — e conclusiva — etapa da expedição de Page, realizada entre 1858-60. O artigo pretende mostrar que parte dos objetivos dos norte-americanos foram alcançados na região, ainda que tenha sido necessário fazer o uso da força para que fizessem valer as suas intenções, principalmente, no Paraguai.

Palavras-chave: Estados Unidos, Rio da Prata, Navegação dos rios.

1. Expectativas da viagem: em nome do comércio.

O objetivo deste artigo é discutir os interesses dos Estados Unidos na América do Sul — mais precisamente, no espaço que compreende o rio *da Prata* e seus adjacentes — através da expedição realizada pela Marinha de Guerra dos Estados Unidos, a U.S. Navy, sob o comando do sulista Thomas Jefferson Page, entre 1853 e 1860. Para tal, apresentamos a viagem propriamente dita e os percalços enfrentados pelos norte-americanos que pressionavam para a navegação dos rios da região, imaginando que teriam livre acesso para os seus projetos e atividades nessa parte da América.¹ Para tanto, utilizamos, além do relato de viagem do comandante, cartas, documentos oficiais que nos permitem reconstruir o trajeto da viagem, os objetivos a

¹ Aqui, sigo as perspectivas colocadas por intelectuais que afirmam a existência de uma *cultura imperial* por parte dos Estados Unidos, na qual buscava-se forjar um discurso de autoridade dos norte-americanos enquanto “centro de saber” sobre os demais países. Ver: SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de un Império. Estados Unidos y las Formas de Representación de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 2006; e do mesmo autor: *The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire*. In LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

serem alcançados, os conflitos com os quais se viram envolvidos e, por fim, mostramos que apenas parte dos objetivos foram alcançados.²

No contexto do debate internacional acerca da navegação dos rios, ideias de progresso e neutralidade da ciência - conforme uma *cultura imperial*, também em voga nos Estados Unidos, além dos países da Europa - impulsionaram a vinda de certo grupo sulista à região. A expedição carregava objetivos explícitos, como trabalhos científicos de cartografia e coletas de espécimes da região, por exemplo. Buscavam uma interconexão que ligasse a bacia do *Prata* ao *Amazonas*, além do estabelecimento de tratados comerciais e de navegação com os países da América do Sul.

Entretanto, havia ainda objetivos implícitos pouco aventados na documentação oficial. Nessa época, nos Estados Unidos, os sulistas dominavam importantes cargos na administração pública daquele país e comandavam a U.S. Navy. Matthew Fontaine Maury, a quem me remeterei aqui diversas vezes, dominava a arma. Ele e outros sulistas — Thomas Jefferson Page inclusive — buscavam pela possibilidade de transferência de famílias sulistas com os seus escravos para espaços pouco habitados, caso a escravidão viesse a ser abolida no país ou estourasse uma Guerra Civil entre Norte e Sul, conforme alguns supunham que iria ocorrer. A região do *Amazonas* e outras possíveis regiões da América do Sul estavam entre aquelas sob a mira norte-americana para esse fim.

² O documento central à pesquisa é o relato de viagem: PAGE, Thomas Jefferson. *La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay. Being a narrative of the exploration of the tributaries of the river La Plata and adjacent countries during the years 1853, '54, '55 and '56, under the orders of the United States Government & Farther Explorations in La Plata - Made in the years 1859 and 1860, under the orders of the United States Government*. Washington: Harper and Brothers, 1871, pp. 567-559. Traduções do original pela autora. Cf.: http://archive.org/stream/cu31924021079565/cu31924021079565_djvu.txt (Acessado em 01/09/2013). Cartas, ofícios e outros documentos oficiais foram publicados, conforme: PAGE, Thomas Jefferson. *Report of the Exploration and Survey of the River La Plata and Tributaries by Thomas J. Page, Commanding the United States Steamer Water Witch to the Secretary of Navy*. Washington: Cornelius Wendell Printer, 1856. Cf.: <http://goo.gl/UxMf2f> (Acessado em 01/09/2013) Ainda, incluem-se documentos oficiais e extra-oficiais da Bolívia, Peru, Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Chile e dos Estados Unidos.

Thomas Jefferson Page (Imagem: The Buenos Aires Herald, 2003)

Thomas Jefferson Page nasceu no estado da Virginia, em um meio social “ilustrado”, atualizado por tendências europeias. Ele pertencia, assim, a uma “aristocracia sulista” à qual Page, notadamente, se identificava. Por exemplo, seu avô, Nelson Page, foi signatário da Constituição norte-americana e muito próximo do presidente Thomas Jefferson (1801-1809).³

Thomas Jefferson Page entrou para os quadros na U.S. Navy como *protégé* (um afilhado), de Matthew Fontaine Maury; seu conterrâneo foi um influente oficial e cientista, Superintendente do Observatório Naval em Washington no período de administração sulista da U.S. Navy (1842-61). Além disso, foi Chefe do Departamento de Cartografia e Instrumentos, criou o “Mapa das Correntes e Ventos do Atlântico Norte” (1853) que ainda permanece como referência para a navegação atual. Entretanto, ele propôs também teorias polêmicas como em “Geografia Física dos Mares e sua Metereologia” (1855), na qual procurava demonstrar que alguns continentes poderiam ser contíguos em razão de correntes e ventos, como veremos a seguir.

Maury indicou Page a comandante do navio a vapor *Water Witch*, em 1853, para realização deste trabalho no Estuário do Prata, na América do Sul.⁴ Seguem as

³ A utilização do termo *aristocracia* é questionável quando se refere à História das Américas. Contudo, era utilizado pela classe social em questão. O próprio irmão de Page intitulou um livro sobre seu tio, Néelson Page, como “Memórias de um Aristocrata Sulista”.

⁴ Na listagem do Centro de História Naval da U.S. Navy, em Washington, a carreira de “Page, Thomas J.”, consta as seguintes etapas: Guarda-marinha, 1º outubro, 1827. Primeiro-tenente,

instruções para a viagem de Page publicadas no relato da expedição:

Os principais objetivos de sua atenção [T.J. Page] serão; prospectar os rios da *Prata*, *Paraguay* e *Parana* e todos os adjacentes que valham exploração, para determinar a possibilidade de navegá-los, seus cursos, extensão, produção pesqueira, etc.; examinar não somente os países limítrofes destes rios, mas também algumas extensões do interior além das margens, de forma a adquirir informações precisas sobre a natureza e agricultura locais, e conseqüentemente, a probabilidade de até onde o intercâmbio comercial possa ser desejável; realizar coleções para o avanço do conhecimento em história natural, botânica, mineralogia, e outros setores das ciências naturais; observações astronômicas, meteorológicas e magnéticas; determinar latitudes e longitudes e fazer uma série de esboços e impressões ilustrativas com o Daguerreótipo do cenário, dos índios e das formações geológicas do país.⁵

Em 1853, o vapor *Water Witch* zarpou de Norfolk rumo à América do Sul.⁶ Page e uma equipe de 56 oficiais, passaram rapidamente pelo Rio de Janeiro e Montevideu antes de seguir para Buenos Aires, em 1853. Entre os principais oficiais, constavam os tenentes William Murdaugh, William Powell, Daniel Ammen, o cirurgião Robert Carter, o engenheiro Allen Campbell e T.B.C. Stump, assistente de engenharia.

O navio carregava equipamentos de alta tecnologia: instrumentos para medir latitudes, longitudes, baseados em medições por instrumentos, conjugadas com observações do sol e das estrelas. Continha cinco cronômetros que foram selecionados por Maury, quem de antemão apurou a acurácia de cada um. Também, três potentes canhões *Howitzers*, que, como veremos, foram armas utilizadas em razão de contendas abertas entre Page e o Paraguai.⁷

10 de junho, 1833. Segundo-tenente, 20 de dezembro, 1839. Capitão de Fragata, 14 de setembro, 1855. Dispensado, 22 de abril, 1861. Sabe-se que Page serviu no Caribe e comandou o USS Plymouth, em 1849, nos mares da China e do Japão.

⁵ PAGE, T.J. Op. Cit., pp.567-559.

⁶ “Water Witch”, em inglês, literalmente, significa “bruxa das águas”. No entanto, essa é também expressão para definir a busca por nascentes e minas de água. Na sua forma verbal “Water witching” significa “procurando minas de água”.

⁷ Canhões *Howitzers* eram no período uma inovadora e potente artilharia a pólvora, pouco depois seriam amplamente difundidos, após utilizados na Guerra Civil norte-americana (1861-1865).

O navio a vapor *Water Witch* (Imagem: Biblioteca do Congresso Norte-americano).

Nos primeiros anos da viagem, Page cumpriu distintos planos de ação. Os homens se dividiam em trabalhos semelhantes de cartografia e verificação em rios distintos, mas próximos um do outro, além das expedições por terra.⁸ Assim, eles prospectaram os rios *Uruguay*, *Tercero*, *Salgado* (*Salado*), *Vermelho* (*Bermejo*) e o *Pilcomayo*. Os espécimes da fauna e flora nativa foram enviados para catalogação, ao longo da viagem, compondo o acervo do *Smithsonian Institute*, em Washington.⁹

No documento a seguir (um apêndice do relato *oficial*), o Secretário da U.S. Navy, William Graham, em 1852, justificou a expedição ao *American Geographical and Statistical Society*, um braço científico determinante às ações da Secretaria da Marinha, no século XIX:

A maioria das grandes explorações comerciais e científicas dos últimos cem anos foi conduzida por oficiais de Marinha, sob o patrocínio de seus respectivos governos. Inglaterra, França, Holanda, Rússia e Estados Unidos, têm nomes nas listas navais que reuniram os mais brilhantes louros dos campos pacíficos de trabalhos de pesquisa. Nosso próprio governo tem se destacado por admiráveis levantamentos de mares e costas, como nas expedições à Antártida e ao Ártico, e agora dirige atenção ao Japão. No caso da expedição mencionada [ao Japão], possivelmente será necessário fazermos uso da força para obtermos sucesso. Mas, na presente proposição ao Departamento, de se explorar o rio *da Prata*, o elemento força não será necessário. Enviaremos o pequeno navio a vapor para onde nunca se viu um deles anteriormente;

⁸ Na equipe constavam especialistas preparados para a construção de pequenas embarcações. Com materiais retirados no local, principalmente madeira, montavam pequenos modelos específicos de baixo calado apropriados para transcorrerem os afluentes e alagadiços de profundidades variáveis.

⁹ O *Smithsonian Institution* foi fundado em 1846, com função de “difundir o conhecimento”. Expedições como a de Page serviram para reunir coleções e formar acervos que aparelharam museus nacionais mirando os das demais potências marítimas; em especial, tinham como referência o *British Museum* de Londres.

ele será bem-vindo por uma população entusiasmada e recebido com **gratidão**.¹⁰

Durante a administração desses poderosos sulistas, investiu-se no projeto conhecido como *Program of Naval Rejuvenation*, o qual projetou viagens científico-estratégicas, ampliando influências à U.S. Navy. Tal política, executada por Matthew F. Maury, marcou a presença norte-americana na corrida pelo mapeamento do globo, inserindo os Estados Unidos – que buscavam “ganhar um lugar no mundo” -, no esforço internacional para constituição dos sistemas de longitudes, cartas náuticas e mapas, segundo aponta a historiadora Mary Anne Junqueira.¹¹ No entanto, os norte-americanos, buscavam autonomia ao superar a precisão científica das potências europeias (leia-se; Grã-Bretanha, Espanha, França e Rússia), dando origem a um sistema cartográfico próprio.

Deste modo, pelo corpo da U.S. Navy determinaram esquadras de expansão geopolítica que os colocaram em pontos estratégicos. Expedições de grande envergadura, oficiais e científicas, serviram para conhecer, mapear e apreender novas possibilidades. E, principalmente, dominar fluxos comerciais em disputa na Ásia e no Pacífico. Mas a América Latina, na primeira metade do século XIX, também concentrou grandes interesses norte-americanos. Neste período, com exceção dos anos que disputaram a Guerra contra o México (1846-48), ao total, doze expedições da U.S. Navy destinaram-se à região. Entretanto, com a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) e a busca pela construção de um canal ao Pacífico, esforços geoestratégicos passaram a se concentrar na América Central.¹²

Conforme Page menciona na introdução da sua narrativa, ele esperava ser nomeado para uma missão nos mares do Japão e Oceano Pacífico. Todavia, embora manifestasse desagrado em servir na América do Sul e não em águas da Ásia, compartilha ter aceitado o comando da expedição pelo rio *da Prata*, dando a entender que missão seria menos arriscada, ou mais garantida. Porém, como demonstraremos,

¹⁰ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 599. Appendix I.

¹¹ JUNQUEIRA, Mary A. “Charles Wilkes, a U.S. Exploring Expedition e a Busca dos Estados Unidos da América por um Lugar no Mundo (1838-1842)”. In *Tempo. Revista do Depto. de História da UFF*, v. 13, 2008, pp. 120-138. Na primeira metade do século XX, com o objetivo de garantir o livre fluxo de mercadorias e navios norte-americanos pelos mares, o governo dos Estados Unidos estabeleceu as seguintes esquadras além-mar: Mediterrâneo (1815), Índias Ocidentais (1822), Pacífico (1821), Brasil - ou Atlântico Sul - (1826), Índia (Ásia - 1835), Esquadra doméstica (1841).

¹² Idem, 2008.

não foi bem isso o que aconteceu. Na verdade, Page ressentia-se de não ter sido convocado para a grande viagem exploratória ao Japão que ficou conhecida por ter aberto as portas daquele país da Ásia ao Ocidente. Ao invés de Page — relegado a uma viagem de importância “menor” ao Estuário do *Prata* — Matthew C. Perry levou os louros em razão do sucesso alcançado com sua investida nos mares da Ásia na década de 1850. Em particular, pela abertura do Japão às nações ocidentais.

2. Projetos dos sulistas norte-americanos na Amazônia.

Como já indicamos, Matthew Fontaine Maury articulou estabelecer um “grande império do comércio e da ciência” ao Sul do continente americano.¹³ Neste projeto, seu grupo imaginava uma “República Amazônica” – área formada por novas *plantations* – como território dependente dos Estados Unidos, para transferência de famílias agricultoras junto aos seus escravos à região. Este assunto bem trabalhou a historiadora Nícia Luz, em *A Amazônia para os Negros Americanos* (1968).¹⁴

Neste contexto, em 1851, a U.S. Navy empreendeu uma expedição pela região Amazônica, que foi realizada pelos oficiais William Herndon (o cunhado de M.F. Maury) e Lardner Gibbon em dois trajetos distintos.¹⁵ Por fim, ambos sucederam a travessia do *Amazonas*. Contudo, segundo relataram, enfrentaram em diversas situações uma grande “hostilidade” da natureza, à qual o termo *wilderness* bem explica.¹⁶

Notavelmente, a viagem de Page ao *Prata* dava sequência à prospecção anterior realizado no *Amazonas*. Entre diversos interesses, os sulistas sondavam terras férteis para cultivarem lavouras, sobretudo, de tabaco e algodão, visando manter um *status quo* - naquele momento, ameaçado pela guerra civil no território norte-

¹³ Sobre o projeto de expansão sulista para além das fronteiras nacionais, ver: SAMPAIO, Maria Clara S., *Fronteiras Negras ao Sul A Proposta dos Estados Unidos de Colonizar a Amazônia Brasileira com Afro-descendentes Norte-americanos na Década de 1860*. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009, pp.86-87.

¹⁴ LUZ, Nícia. *A Amazônia para os Negros Americanos*. Editora Saga, Rio de Janeiro, 1968.

¹⁵ Eles navegaram segundo instruções privilegiadas para embarcações a vapor, evitando-se quedas d’água; da boca do rio *Madeira* (Peru) subiram a cordilheira dos Andes, contornando a Bolívia rumo ao *Amazonas* pelo *Mamoré*, em direção ao Atlântico.

¹⁶ Sobre o conceito de *Wilderness*, Cf.: JUNQUEIRA, Mary A., *Ao Sul do Rio Grande – Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

americano.¹⁷

Por um lado, a teoria abraçada por Maury e outros, defendia que o sistema de correntes e ventos fazia com que o sistema de rios do *Amazonas* tivesse vinculação com o sistema do rio *Mississippi*. Isto poderia garantir a presença norte-americana em partes da América do Sul, justificando-a sobretudo cientificamente. Por outro, um dos objetivos de Thomas Jefferson Page, como veremos, era verificar as conexões entre as duas grandes bacias hidrográficas do continente, a do *Prata* e a do *Amazonas*. Se houvesse, possivelmente estariam também vinculadas à do *Mississippi*, no centro do território dos Estados Unidos. Logo, o trabalho do sulistas seria “facilitar” este fluxo, sempre com intuítos comerciais.¹⁸

Como veremos, em sua narrativa, Page defende abertamente que os países da América do Sul em torno da bacia do *Prata* também formassem uma espécie de Confederação nos moldes constitucionais liberais norte-americanos. Segundo o autor, a edificação de uma “República Sul Americana” – comunidade de nações formada, principalmente, entre Bolívia, Paraguai (ao ser integrado numa nova ordem), Estados (autônomos) da Confederação Argentina e de Buenos Aires -, fortaleceria a região. Já o Brasil, único império em meio às repúblicas do Sul, não fazia parte deste projeto.¹⁹

Os interesses dos Estados Unidos na América do Sul incluíam ainda a viagem do comandante e cientista, James Melville Gillis, que rumou para o Chile com o objetivo de instalar um observatório astronômico na região. A viagem, entre 1849 e 1852, além dos objetivos científicos - especialmente o estabelecimento de dados astronômicos para a correta localização em alto mar -, fez com que o comandante relatasse sobre os países da América do Sul pelos quais viajou.

¹⁷ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 432. É interessante pontuar que o botânico francês Aimé de Bonpland, companheiro do naturalista alemão Alexander Von Humbolt em expedição pela América, exilou-se no interior da Argentina fugindo do presidente José Gaspar Rodríguez Francia do Paraguai. Ele manteve correspondências com Page, recebeu o tenente Murdaugh que buscava informações sobre terras mais propícias à plantação de algodão no Grande Chaco. Bonpland avaliou que o Paraguai era muito apropriado, mas *Corrientes*, na Argentina, não. Exatamente nessa região firmou-se um acordo de colonização junto ao governo local, em 1853, envolvendo também ao plano demais nacionalidades, na figura do agente francês Augusto Brouges. (PAGE, T.J. *Op. Cit.*, pp. 591-593).

¹⁸ Ainda que considerassem uma assimetria de poder nas atividades ao Sul da América, o tema da livre navegação já vinha repercutindo sobre rios norte americanos – Mississippi e São Lourenço - desde desfechos da independência. Nesses casos, conferências específicas pautadas na *Lei das Nações* tangeram primordialmente, Grã-Bretanha, França e Espanha, em resoluções de acordo até que no Tratado de Ghent (1814), e a U.S. Navy legitimado de fato a soberania dos Estados Unidos sobre sua navegação, passa-os à jurisdição norte-americana.

¹⁹ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p.121, p.161.

Expedições da U. S. Navy para a América do Sul (década de 1850)

Enquanto isso, a partir de 1850, em disputa por influência regional, a defesa brasileira já pretendia se impor aos vizinhos, por meio da Marinha do Brasil. Como não podia deixar de ser, a proposta formal dos sulistas para a navegação no *Amazonas*, feita entre 1850-51, foi negada de imediato pelos oficiais do Império. Expectativas norte-americanas despertaram o protecionismo diplomático brasileiro quanto à presença internacional.²⁰ Como define Clodoaldo Bueno, no período entre

²⁰ SAMPAIO, Maria Clara S. Op. Cit., p. 87.

1851 e 1864, a política de “presença brasileira ativa”, respondeu à ameaça estrangeira pela integridade do Brasil; principalmente, à dos norte-americanos na Amazônia.²¹

No entanto, Maury estava convencido a pressionar o Brasil reivindicando o direito à navegação do rio *Amazonas*, considerado o “*Mississippi* do hemisfério Sul”. Afinal, como ele afirmava, “A posição geográfica e tudo mais conspira à predominância do comércio norte-americano na região”. Na importante Convenção de Memphis, em 1853, promissoras oportunidades convenceram também aos oficiais responsáveis pela tomada de decisões na U.S. Navy.²² De acordo com Maury, em discurso nessa Conferência;

Uma canalização natural para conectar as águas do rio *Amazonas* à do *Prata* está tão próxima de tornar-se completa que, segundo observações de exploradores, será preciso apenas três léguas de um canal artificial para passarmos navios de um rio para outro. Iniciativas de colonização poderão conseguir realizar os primeiros esforços, então viraríamos completamente o curso do “*Mississippi* do hemisfério Sul” traçando uma linha desde a boca do *Prata* [entrada da navegação] no paralelo 36º Sul, que a submeta às práticas comerciais. Por esta linha, toda a riqueza do Estuário do *Prata*, somada à do *Amazonas*, será despejada no **nosso** colo.²³

²¹ CERVO, Amado, BUENO, Clodoaldo. Op. Cit., p.109. *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009.

²² Reacendeu-se a questão conforme na Europa, em 1853, a Guerra da Criméia eclodiu envolvendo as principais potências navais. O debate sobre a livre navegação dos rios veio à tona ao final das Guerras Napoleônicas (Tratado de Paris, 1814); pela navegação rio *Reno* definiu-se a proposição do Tratado de Viena, de abertura às saídas para o mar (Art. 108, Navegação dos Rios). Posterior aplicação dos “princípios gerais” das potências signatárias – Áustria, Grã-Bretanha, Prússia e Rússia –, e replicação do comum acordo entre países ribeirinhos (“A menos que qualquer um se oponha em circunstâncias particulares sobre cursos de navegação que separem Estados distintos.”). Em seguida, a do rio *Scheldt* (Antuérpia), *Meuse*, *Moselle*, *Elbe*, *Oder*, *Weser* e *Pó*, incluindo adjacentes. A livre navegação do *Danúbio* definiu-se na Guerra da Crimeia (1855). Na circunstancial obstrução do Mar Negro, retomou-se a questão da saída para o mar (como um *direito natural*, com consentimento mútuo entre “co-proprietários” e distinção do *direito de passagem*). Wheaton observa; “O princípio sobre o qual incide o direito de navegação depende dos mares que um rio una (...)”. Dentre 1853 e 1855, os sulistas de Maury dialogavam nesses termos. Adaptaram “mares” por “oceanos”, ou seja, Atlântico e Pacífico. (WHEATON, 1866, p.156).

²³ INGERSOLL, Mr. *Report of the Memorial of Lieutenant Maury: In Behalf of the Memphis Convention in Favor of the Free Navigation of the Amazon River to the Comité of Foreign Affairs*, Ed 22 Miscellaneous (U.S. House of Representatives, 33rd Congress, Report N 95, Washington), 1854. Veremos que, com o impasse no Paraguai, em 1855, Maury ajudou a articular uma intervenção contra o país, que seria autorizada pelo Congresso, em 1858. Apoiando-se sobre a *Lei das Nações*, sua justificativa pautou-se por duas regras em debate do direito internacional à época 1) o rio da *Prata* tem *proporção continental*, logo a navegação deveria ser de uso comum, tanto a Estados limítrofes como nações marítimas em geral 2) quando atacado, o *Water Witch* encontrava-se na *margem* argentina do rio *Parana*, portanto o Paraguai não poderia reivindicar exclusiva *jurisprudência*. (Observa-se porém que a posição do navio era questionável.) Outra norma alegada por Maury à abertura do *Amazonas* espelha-se no bloqueio do Mediterrâneo mediante a Guerra da Crimeia 3) não se pode *obstruir uma passagem* quando o ponto em questão interliga dois mares. Maury argumentou que o *Amazonas* cruza um continente interligando o Atlântico e o Pacífico. Tanto na Conferência de Memphis (1853), como a partir de 1855, ao Congresso, retoma-se os mesmos argumentos.

Notavelmente, o pensamento científico defendia amplos planos logísticos em benefício dos norte-americanos. No entanto, para fundar as tais vias fluviais, precisariam construir canais, facilitando o percurso das embarcações em águas instáveis. Este desafio geográfico explica a participação de tantos engenheiros na expedição. Além disso, Maury chega a fundamentar um “destino” migratório no qual justifica a vontade divina da Providência em razão da presença da *civilização* do Norte na região.²⁴ Ainda em Memphis (1853), ele defendeu;

(...) Os grandes mercados e centros comerciais do mundo por **todos** os tempos estarão no hemisfério Norte. Quatro quintos das terras secas do mundo estão nele. É o berço do conhecimento, das riquezas, da civilização e do **empreendedorismo**. A logística naval mundial pertence a ele, também os navegantes. E a benéfica Providência arranjou as estações de forma tão perfeita que, quando é tempo de semear no hemisfério Norte, é exatamente a hora da colheita no Sul.²⁵

Todavia, diferentemente da posição defensiva tomada em relação à Amazônia, o Império do Brasil jogou com interesses estrangeiros no *Prata* apoiando os sulistas, por exemplo - para desimpedir o acesso contínuo à Província do Mato Grosso (Corumbá) pelo rio *Paraguay*. No período, o polêmico termo estava por ser definido em âmbito regional. O duplo posicionamento quanto à abertura de navegação causaria ao governo Imperial um “dilema moral”, como analisaremos à frente.²⁶

3. O debate acerca da navegação dos rios.

A operação liderada por Page em direção ao *Prata* deve ser compreendida em meio ao contexto no qual sulistas buscavam lugares possíveis para transferência de famílias e escravos. Eles divisavam a América do Sul como alternativa para um projeto de colonização.²⁷ Além disso, a expedição de Page deve ser compreendida

²⁴ BOURNE, John. *Indian River Navigation - A report to the comitee of gentlemen for the establishment of improved steam navigation upon the Rivers of India*; W. H. Allen & Company: Londres, 1849. Seguindo a tendência à navegação dos rios, britânicos investiram na exploração do interior indiano, colônia crucial ao seu império, buscando ampliar o fluxo do comércio intercontinental ao caminho da China e regiões com demais vias de acesso.

²⁵ INGERSOLL, Mr. *Op. Cit.*

²⁶ PALM, Paulo Roberto. *A Abertura do Rio Amazonas à Navegação Internacional e o Parlamento Brasileiro*. - Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

²⁷ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, pp. 591-593. No Apêndice H do relato da expedição segue o Contrato de Colonização, firmado entre a Província de *Corrientes*, assinado pelo Capitão-general Don Juan Pujol e o misterioso agente francês Augusto Brouges, natural de Caixon, Altos Pireneus (ele não aparece mais no relato). No documento, descreve-se o projeto de transferência de 1.000 famílias agricultoras, especificando-se detalhadamente o procedimento organizado e sob tutela de Brouges. Cada família deveria compor-se de cinco pessoas, sendo a maior parte, por homens aptos ao trabalho, em idade acima de 10 anos. (Abaixo dessa faixa seriam

também em meio ao debate sobre a possibilidade de navegação nos rios em razão do incremento da navegação a vapor, o que facilitava que embarcações pudessem subir contra a correnteza - sem a necessidade dos ventos central à navegação à vela.²⁸

Nota-se que esse debate político reflete uma predominância eurocêntrica nas diretrizes das relações internacionais, no século XIX. A questão sobre a navegação dos rios passava sempre pelo referencial *Tratado de Viena* (1818), que reafirmou a *Lei das Nações* com as resoluções do fim das Guerras Napoleônicas. Graças a uma proposta do governo francês, a navegação do rio *Reno* fora aberta a todos os países signatários. Segundo o tratado, a livre navegação, voltada para os navios mercantes, garantiria que as taxas de trânsito não pudessem ser aumentadas sem a anuência de todos os países ribeirinhos. Com isso, buscava-se evitar o aumento descabido de impostos; isto é, obstáculos à circulação do rio.²⁹

Porém, no “resto do mundo”, logo questões de soberania e jurisprudência concentrariam desentendimentos. Embora, geralmente, o modelo da Revolução Francesa tenha garantido o direito privado (comércio) nos Estados em formação, o direito internacional constituiu-se na prática. Para a historiadora Lauren Benton, as relações marítimas das potências europeias estabeleceram uma espécie de *Império Informal*, repercutindo em uma nova conjuntura global para os padrões de organização governamentais e jurídicos. Os ajustes entre potências europeias,

considerados “supernumerários”.) Brouges cuidaria da chegada dos grupos de 200 famílias por vez, em dez etapas, recebendo amparo da Província para questões logísticas. Cada grupo formaria uma colônia, nas locações oferecidas nas *Missões*, região dos rios *Parana* e *Uruguay*, em lotes selecionados por Brouges dentre as “terras públicas”. Com “Veinte cuadras quadradas de ciento cinquenta vases por cada lado”, a Província deveria providenciar, a cada um, pequenas casas de madeira (com “dois quartos, uma porta, uma janela”) seis barris de farinha, sementes de tabaco e algodão “suficiente para uma quadra”, “fanegas” (germe) de trigo e milho e mudas de cana-de-açúcar, completando uma “cuadra” de cada. Ainda, doze cabeças de animais, sendo dois touros, oito vacas e dois cavalos. Em dois ou até três anos, as famílias deveriam “devolver” o investimento, correspondendo metas de produção, conforme a chegada dos novos grupos. Os colonos seriam responsáveis por preparar a terra, plantar algodão, tabaco, açúcar, trigo e milho, tendo a metade da área livre. Estariam sob as leis da Província, mas seriam dispensados do serviço militar. Nos primeiros cinco anos, seriam excluídos do pagamento de impostos; depois disso, os lotes tornariam-se “propriedade absoluta de cada família”.

²⁸ A engenharia naval norte-americana especializou-se em *design* de barcos para a travessia de rios. Os EUA debateram principalmente a navegação do *Mississippi* contra a Espanha no século XVIII e a do rio *São Lourenço*, no Canadá, no século XIX, contra Grã-Bretanha. Tais resoluções em conferências específicas às circunstâncias inspiraram-se na *Lei das Nações*.

²⁹ Cf.: GREGÓRIO, Vitor Marcos. “Os deputados e o rio: os debates de 1853 sobre a navegação a vapor no rio Amazonas e o sistema representativo monárquico”. In: *Revista de História*. No. 162, 1º. Semestre 2010, p. 153.

fundamentais ao *sistema internacional*, conformaram-se durante as exploração e as disputas no além-mar, particularmente na Ásia, China, Índia, África e na América do Sul.³⁰

Assim, como mecanismo de barganha política dos países, permissões para navegação foram amplamente utilizadas tanto entre relações regionais, como diante da assimetria de poder com as potências. Por exemplo, na América do Sul, enquanto o Império do Brasil e a Confederação Argentina permitiram que Page navegasse por determinados rios da região, o acesso foi negado pelo Paraguai. O que não quer dizer que o Brasil permitisse a livre navegação: permitia em alguns trechos e restringia em outros. Autorizações eram negociadas em acordos bilaterais de cooperação, conforme os interesses que estivessem em jogo.³¹

Como apresenta o historiador Paulo Roberto Palm, em *A Abertura do Rio Amazonas à Navegação Internacional e o Parlamento Brasileiro*, Paulino José Soares de Sousa, o Visconde do Uruguai, Ministro e Secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros do Império do Brasil, contestou veementemente a argumentação de Matthew Maury que se valia dos acordos do Tratado de Viena para pressionar à abertura do rio *Amazonas* aos navios norte-americanos;

No Brasil, o Conselho de Estado, ao examinar, em 1º de abril de 1854, a questão da abertura do rio Amazonas à navegação internacional, debruçou-se sobre o Parecer da Seção dos Negócios Estrangeiros acerca do assunto, elaborado por Paulino Soares de Souza, Abrantes e Lopes Gama, no qual, referindo-se ao pactuado no Congresso de Viena, os relatores bem lembravam: “Estas disposições de mero direito convencional somente regulam e obrigam as Potências que nela convierem. Não foram admitidas pela Europa em geral, e menos por todo o mundo”. E, mais adiante, pontificavam: “O que algumas Nações da Europa estipularam a respeito de alguns rios da Europa, que lhe pertenciam, não estabelece direito entre Nações da América sobre rios da América que lhes pertencem, sem que por atos seus adotem e dêem força àqueles princípios”. (...) O princípio de soberania territorial, dentre os quais Kluber Martens, Wattel, Puffendos, Chilty e Wolff, concluíam que a soberania sobre rios internacionais não se cinge às suas nascentes, porém a todo o curso, e que as nações ribeirinhas têm propriedade sobre os trechos fluviais que atravessem seus respectivos territórios, podendo negar trânsito às demais, inclusive passagem aos ribeirinhos superiores. Por consequência, apenas o direito convencional estabeleceria a servidão

³⁰ BENTON, Lauren. *Law and Colonial Cultures*. Massachusetts: Cambridge University Press, 2001.

³¹ WHEATON, Henry, PHILIPSSON, Coleman, *Elements of International Law*, pp. 197-288. Google Books; Cf.: <http://goo.gl/dNUOs2> (Acessado em 02/09/2013). No texto, Wheaton descreve a relação de acordos livre navegação dos Estados Unidos com cada Estado do continente, principalmente, a Confederação Argentina, Bolívia e Peru, Brasil e Paraguai, conforme parecer do diplomata John Randolph Clay, próximo aos sulistas e influente nas persuasões ao livre comércio e navegação do período na região estudada (Cf.; *U.S. Laws* X.123t., X.28t., Xii291t., Xii 117t., X.283t., X.199t).

sobre o uso de suas águas a terceiros países.³²

Segundo Paulo Palm, o Brasil se viu defrontado com um “*dilemma moral*”: ou seja, ao mesmo tempo em que mantinha uma política restritiva no *Amazonas* tentava no *Prata* persuadir o Paraguai e vizinhos ao sul para abertura à navegação. Como já indicamos, nem todo país conseguiu resolver estes impasses diplomaticamente.³³ Veremos que o presidente Carlos Antonio López tentou defender a vigência, ou preponderância, da jurisprudência nacional sobre tratados comerciais e internacionais, restringindo tráfego no rio *Paraguay*. Porém, tal medida acabou por levar seu país ao conflito com os Estados Unidos.

4. O Império do Brasil: limites de navegação a determinados trechos.

Como ao Império do Brasil interessavam “as estradas líquidas” para o *Prata*, liberou-se a navegação de Page, apenas a trechos limítrofes, pois nem mesmo o Brasil tinha definido o direito de navegação contínua no rio *Paraguay*. Trâmites viabilizaram a expedição dos norte-americanos após trabalhosa persuasão do corpo consular em exercício na região. No excerto abaixo, Page expõe uma de suas metas principais: definir um tratado de livre navegação dos rios com o país.

Além de realizar uma prospeção e explorar os rios da *Prata* e adjacentes, Presidente Sr. Fillmore confiou-me a incumbência de, junto aos nossos ministros [cônsules e embaixadores], seja em proximidade aos governos do Brasil e da Argentina ou individualmente, firmar um tratado com o Paraguai.³⁴

Antes de passar por Montevideú, a caminho de Buenos Aires, Page esteve pessoalmente no Rio de Janeiro persuadindo autorizações do Império. Em plena epidemia de febre-amarela, o *Water Witch* foi liberado da quarentena para entrar no país. Page precisava resolver, sobretudo, a navegação dos rios. Do rio *Paraguay*, conseguiu autorização para os trechos com margem em território brasileiro. No relato de viagem, ele comenta o protecionismo sul-americano; “Corumbá se tornará um importante mercado quando o Brasil abandonar a política de exclusividade para a navegação dos rios e o Paraguai declarar abertura do rio a todas as bandeiras

³² PALM, Paulo R. *Op. Cit.*, pp. 22-29.

³³ Idem, *Ibidem*.

³⁴ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 26.

comerciais”.³⁵

Ciente dos termos de soberania, jurisdições nacionais e possíveis complicações políticas, Page cuidadosamente notificou o trajeto aos brasileiros, conforme realizado pelo território, enumerando as visitas. As concessões das autoridades imperiais geralmente eram dadas antes da viagem. No entanto, o comandante aponta que alguns detalhes foram decididos apressadamente. Segundo Page relata, só receberam autorização para poder navegar o trecho do rio *Paraguay* até Corumbá, durante o curso da viagem:

Deve-se observar que esta recusa não era absoluta, mas a permissão foi dada ao *Water Witch* para subir o rio *Paraguay* até Albuquerque, com alguma extensão, dentro do limite territorial reivindicado pelo Brasil. Ao chegarmos em Coimbra, no primeiro posto militar do Império no *Paraguay*, fui informado que nosso **privilégio** de subir o rio havia sido prorrogado até Corumbá, a 60 milhas acima de Albuquerque.³⁶

Page buscou esclarecer as garantias diplomáticas, por meio do cônsul Robert Schenck ou intermédio do seu substituto, Ferdinand Coxe. Em correspondências oficiais, pediu a assistência de José Paulino Soares de Souza, Ministro de Relações Exteriores do Império e, “sua amigável cooperação para alertar aos oficiais do Império e agentes que ele viesse a encontrar na trajetória de suas operações, ou extensões do poder da capital.”

Sob ordens do Presidente dos Estados Unidos [Millard Fillmore], a missão do *Water Witch* pelo comandante Page de explorar e prospectar todos os rios da bacia do *Prata*, trará resultados da maior importância ao mundo comercial e científico. Estando o Brasil à margem dos rios necessários para ascendermos, não será menos beneficiado por essas operações. (...) Vossa Excelência sabe muito bem o que estas ordens deverão significar e a quem deverão ser delegadas. Estou apenas comunicando o requerimento feito pelo comandante Page ao Sr., afinal confio que sua visão ilustrada o levará a passar o pedido e objeto da expedição a todas as extensões do poder de Vossa Excelência.³⁷

Em resposta, Paulino pronunciou que o governo imperial estava aberto ao comércio estrangeiro no rio *Paraguay*, e não faria objeções para que Page realizasse tais explorações, mas sua ordem limitava-se ao porto de Albuquerque. Acrescentou que delegaria ao presidente da Província do Mato Grosso e demais agentes que

³⁵ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 15. O autor informa que do Rio de Janeiro ao Mato Grosso viajava-se normalmente por terra 1.200 milhas (cerca de 1.930 km) utilizando-se mulas de transporte.

³⁶ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 285.

³⁷ PAGE, Thomas Jefferson. *Report of the Exploration and Survey of the River La Plata and Tributaries by Thomas J. Page, Commanding the United States Steamer Water Witch to the Secretary of Navy*. Washington: Cornelius Wendell Printer, 1856, pp. 5-6. Requerimento de Robert Schenk, a quem Page respondia no esquema diplomático da América do Sul.

oferecessem-lhe “toda a cooperação necessária”, advertindo, porém, que Page não ultrapassasse o ponto acordado, ou abriria um precedente prejudicial às relações do Brasil com vizinhos - o Paraguai -, já que direitos à navegação nesses rios não estavam bem definidos entre eles.³⁸

5. A Confederação Argentina apoia a livre navegação de Page pela região.

Quando o *Water Witch* chegou na Argentina, em meados de 1853, o país estava dividido entre o grupo herdeiro dos Unitários - liberais influenciados por ideias europeias que lutavam por um governo centralizado a partir da cidade de Buenos Aires - e o grupo dos Federalistas, que concentrava líderes que lutaram e mantiveram uma Confederação por algumas décadas, sustentando o poder das províncias sobre a cidade Buenos Aires. O exemplo máximo de um Federalista foi o caudilho Juan Manuel de Rosas, governador da Província de Buenos Aires, homem que exerceu forte poder sobre as demais províncias, sobre a população e marcou indelevelmente o período da Confederação Argentina.³⁹

Em fevereiro de 1852, na Batalha de Caseros, as forças do Império do Brasil, os liberais uruguaios, liberais argentinos e mais líderes Federalistas de Entre Ríos e Corrientes — anti-rosistas descontentes com a concentração de poder nas mãos de Rosas e com o “fechamento” do *Prata* aos negócios das Províncias – depuseram o caudilho, pondo fim a uma era da Confederação Argentina.⁴⁰

³⁸ PAGE, T.J. *La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay*, p. 28. Importa salientar que determinados aspectos secretos da expedição não foram incluídos no relatório: “Os detalhes mais importantes envolvidos nestas questões [a navegação] não devem ser incluídos neste relatório”. Ou seja, mesmo na dimensão dos assuntos estratégicos, percebe-se um nível de informações reservado à alta inteligência da U.S. Navy. A questão sobre a navegação do *Paraguay* perdurou também regionalmente. Em 1851, o Brasil garantiu um tratado de navegação franca no rio *Uruguay*. Page menciona, no começo do relato, tentativas de Manuel Oribe, caudilho uruguaio e aliado de Rosas, de proibir navegação, em 1856, nos rios *Parana* e *Paraguay*, em trechos de ambas as soberanias.

³⁹ O caudilho não pode ser visto apenas como líder extremamente autoritário que domina a população ingênua. Sobre a relação entre esses líderes locais e os seus seguidores, Ver LA FUENTE. Ariel de. Gaúchos”, “Motoneros” y “Motoneras. In: GOLDMAN, Noemi e SALVATORE, Ricardo (org.) *Caudilhismos Rioplatenses. Nuevas Miradas a un Viejo Problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

⁴⁰ BEIRED, José Luis. Breve História da Argentina, p. 25. “Entre 1838-1840, a Confederação sofreu um bloqueio naval imposto pela França, que ocupou o Porto de Buenos Aires e a entrada do rio da Prata. Com o apoio do Uruguai, a França objetivava derrubar Rosas e obter maior influência econômica e política na região do Prata. Com habilidade,

A porta de entrada ao *Prata* foi facilitada aos sulistas devido à ascensão política do caudilho Justo José de Urquiza, governador anti-rosista de Entre Ríos, em um conjuntura de grave disputa interna no país.⁴¹ Urquiza era um líder provinciano federalista que tinha trânsito entre alguns unitários. Grande proprietário de terras e dono de navios, ele se destacava por retirar negócios importantes na indústria do charque; tinha ampla influência nas esferas elitistas locais como também abertura às negociações internacionais.⁴²

Ao ser nomeado Diretor Provisório da Confederação Argentina pelo Acordo de San Nicolás (1852), a primeira atitude de Urquiza enquanto líder foi liberar a navegação internacional dos rios.⁴³ No começo da narrativa, Page descreve a decisão:

Após a derrota e exílio de Rosas e a eleição de Urquiza como Diretor Provisório da Confederação Argentina, uma das primeiras medidas de sua administração foi impor um decreto, no dia 28 de agosto de 1852, declarando a livre navegação dos rios da Confederação a **todas** as bandeiras. Ele tomaria vigor no 1º de outubro do mesmo ano. O pacto sobre a grande extensão de águas navegáveis estava rompido, e oferecia comunicação com o Atlântico a uma nação que abarcava nada menos que 8.800.000 milhas quadradas. Abriu-se um vasto território, não somente ao comércio, como as facilidades mais liberais concedidas à imigração. Os resultados, visíveis logo neste período, demonstravam a sagacidade de Urquiza e antecipavam a prosperidade que aquela porção da América do Sul viria a adquirir sob sua ilustrada administração.⁴⁴

Todavia, conflitos entre Unitários e Federalistas provocaram conflitos políticos até a metade do ano seguinte, 1853, um momento extremo quando Buenos Aires encontrou-se sitiada por terra e bloqueada pelo rio. Grande parte dos Unitários não admitia ter um caudilho como presidente da Confederação. Como explica o historiador James Scobie em, *A luta Pela Consolidação da Nacionalidade Argentina (1852-1862)*; “Se em fevereiro de 1852 Urquiza havia entrado triunfalmente na cidade de Buenos Aires, no dia 13 de junho de 1853 ele abandonava a cidade sob a escolta

Rosas negociou a suspensão do bloqueio e fortaleceu-se politicamente. Em 1845, Rosas proibiu o acesso de navios estrangeiros ao rio Uruguai e Paraná. A resposta externa não tardou. França e Inglaterra impuseram um segundo bloqueio aos portos da Confederação. O governo de Buenos Aires conseguiu sua suspensão definitiva em 1850”.

41 Cf.: TERNAVASIO, Marcela. *El Pensamiento de los Federales*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2009.

42 MEDRANO, Lilia Inés Zanotti de. *A Livre navegação dos Rios Paraná e Uruguay: uma Análise do Comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1989, (mimeo).

43 SCOBIE, James R. *La Lucha por la Consolidación de la Nacionalidad Argentina (1852-1862)*, pp. 38-40. Buenos Aires: Libreria Hachete, 1964. O acordo pretendia formar um Governo Constitucional. Contudo, enquanto não promulgassem uma Constituição, o Governo Provisório, na pessoa do Diretor Provisional da Confederação Argentina (Justo José de Urquiza) reuniria os poderes legislativo e executivo.

44 PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 25.

dos representantes diplomáticos estrangeiros.”⁴⁵

Com a derrocada de Rosas, começou-se a desenhar uma outra fase da Confederação Argentina, da qual Urquiza — governador de Entre Ríos — se tornaria presidente. Sobre a região em conflito, Page relata:

Os capítulos históricos que acompanham esta narrativa apresentarão um relato detalhado de assuntos políticos aos países adjacentes ao rio da *Prata*. Atualmente, é apenas necessário colocar a premissa que no movimento contra Oribe, Urquiza e o Imperador do Brasil tinham em vista um grande tema: a abertura das comunicações de *La Plata* ao comércio. (...)O governo dos Estados Unidos foi o primeiro a se aproveitar desta oportunidade oferecida a todas as nações marítimas para obter-se o conhecimento mais alargado da região. Uma expedição foi enviada para explorar seus rios, informar sobre extensões de navegabilidade e adaptação ao comércio. Ela foi colocada sob o meu comando em fevereiro de 1853. Assim que cheguei na Argentina, fui convidado pelo cônsul britânico Sr. Charles Hotham, por meio do Sr. Pendleton a acompanhá-lo ao Paraguai, junto aos Ministros da França e Sardenha, que haviam acabado de concluir um tratado com aquele país.⁴⁶

Page justifica a movimentação dos aliados locais para conter Manuel Oribe com objetivo de proteger o livre comércio na região. Entende-se que o comandante e a rede consular norte-americana em exercício, e demais representantes diplomáticos internacionais, haviam preparado terreno para acordos entre Brasil e Argentina, autorizando a expedição da U.S. Navy, em áreas sob estas jurisdições.⁴⁷

Desde 1853, ano em que fora promulgada a Constituição Argentina e também quando delegou-se a Urquiza o posto de Diretor Provisional da Confederação, a região passou por outro tipo de divisão: a Província de Buenos Aires declarou a secessão da Confederação, que agora tinha como capital Rosário e passou a ser chamada de Estado de Buenos Aires. Como mencionado, apesar das alianças que permitiram a derrocada de Rosas, Buenos Aires recusara-se a se submeter novamente a um Federalista.⁴⁸

Enquanto isso, por alianças com as potências navais - Grã-Bretanha, França,

45 SCOBIE, J.R. *Op. Cit.*, p. 95.

46 PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 25.

47 PAGE, T.J. *Op. Cit.*, pp. 575-579. Appendix C. Em correspondência direta ao Secretário da U.S. Navy, R. Schenk comenta que a constituição adotada em Santa Fé era “quase idêntica à nossa”, havia sido submetida às Províncias para aprovação e foram recebidas com entusiasmo, exceto em Buenos Aires. Segundo Schenk, a disputa interna na Argentina e as incertezas sobre a legitimidade do Acordo de livre navegação abalaram também a cooperação entre os signatários do acordo, Estados Unidos Grã-Bretanha e França, deixando cada país por interesses próprios e em competição.

48 KROEBER, C.B. *Op. Cit.*, pp. 161-170. Ainda que o país estivesse dividido, navios oceânicos paravam mais em Buenos Aires pelas vantagens em descarregar, às facilidades da distribuição e ao comércio. Tecnicamente, em razão do peso das embarcações e da profundidade do porto, Rosário não oferecia segurança.

Sardenha e os Estados Unidos – promoveu-se tratado concedendo a livre navegação do *Prata* e adjacentes aos signatários. Abaixo, inclui-se um excerto do Tratado:

O Presidente dos Estados Unidos e Sua Excelência o Diretor Provisório da Confederação Argentina, desejando fortalecer os laços de amizade que tão alegremente subsistem entre seus respectivos Estados e países, e convencidos de que o meio mais seguro para se chegar neste resultado é tomar conjuntamente todas as medidas necessárias para facilitar e desenvolver relações comerciais, resolveram determinar por um tratado as condições da livre navegação dos rios *Parana* e *Uruguay*, para se eliminar os obstáculos que até agora impediram esta navegação.⁴⁹

Opositores de Urquiza retomaram as instituições de Buenos Aires expulsando os representantes da Confederação, como já indicado. Aconselhado por John Pendleton, cônsul norte-americano em Buenos Aires, Page arcou com a transferência de Urquiza, agora ex-presidente da Confederação, levando-o entre outros no *Water Witch* desde Buenos Aires até o porto vizinho de *Guaileguaychu* (seguiam para Entre Ríos). Mas, no relatório direto enviado ao Secretário da Marinha, Page reclama que não esperava ter que escoltar Urquiza, seus apoiadores e cidadãos norte-americanos dali de Buenos Aires;

A rapidez com que esta ordem foi emitida me deu um *insight* sobre sua maneira rápida e decisiva de tramitar os negócios. No retorno à cidade, embora nenhum contratempo pudesse ser esperado, como ato de cortesia, ele [Urquiza] ordenou uma escolta, comandada por um de seus oficiais favoritos, para acompanhar-nos à frente dos focos do exército sitiante. (...) Eu não esperava qualquer detenção em Buenos Aires além do tempo que fosse necessário para a análise e aquisição de papéis e documentos que eu considerava importantes para facilitar nosso progresso na exploração de rios sobre a qual, em pontos diferentes, as nações vizinhas - Brasil, a Confederação Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai - alegassem jurisdição.⁵⁰

Segundo o comandante, o incidente atrasou o curso da viagem. Contudo, ele assume que valeu pela troca de favores, alinhando interesses norte-americanos à Confederação Argentina. Mesmo que o senso de oportunidade tenha definindo o trânsito do *Water Witch* pela região, apenas com trabalhosos esforços diplomáticos que conseguiriam garantir os acordos.

6. Paraguai: limites à navegação internacional.

49 FLORES, Tratado de San José de, 1853. *Treaty of Friendship, Commerce and Navigation Between Argentina and the United States*; July 27, 1853. *Treaties, Conventions, International Acts and Agreements Between the United States of America and Other Powers 1776-1909*. Compiled by William M. Malloy. Under Resolution of the Senate of January 18, 1909 Washington: Government Printing Office, 1910.

50 PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 18.

Segundo coloca a historiadora Lilia Medrano, “a construção naval e siderurgia paraguaias ganharam impulso com a supervisão de técnicos estrangeiros, especialmente convidados pelo governo”.⁵¹ Edward Hopkins, ex-oficial da U.S. Navy, foi o primeiro a persuadir o então Secretário de Estado norte-americano, James Buchanan, sobre o futuro promissor do Paraguai juntos aos EUA. Em uma carta a Buchanan, Hopkins certificou que o país “era o Estado mais forte e rico do Novo Mundo, depois dos Estados Unidos”. Então, forjou relações consulares convencendo o presidente James Polk à realizar uma expedição pioneira ao país, em 1845.

Neste ínterim, Hopkins aproximou-se do presidente Carlos Antonio López; negociaram o reconhecimento da independência paraguaia pelos EUA - e pela Confederação Argentina - sob a contrapartida de firmarem um Tratado de Comércio e Navegação, como se fez em 1853, aponta o historiador norte-americano Oscar Fitzgerald. Assim, garantiu-se o monopólio de quinze anos sobre a exploração dos transportes a vapor e das indústrias de tijolo, placas de madeira, tabaco, e têxtil, à *The United States and Paraguay Navigation Company*, companhia fundada, em 1852, com capital inicial de US \$100.000 (dólares) de investidores norte-americanos e internacionais.⁵²

O historiador Clifton Kroeber analisou o papel de Hopkins no país;

Hopkins foi o primeiro estrangeiro a explorar as possibilidades comerciais da navegação a vapor na bacia do *Prata*. Este jovem exaltado havia estado na Argentina e Paraguai em tempos de Rosas, e regressou na década de 1850 para organizar serviços de vapores no Paraguai. Mas, como em setembro de 1854 foi expulso com seus maquinistas do país, transferiu suas operações à Argentina. Enquanto companhias argentinas e britânicas montavam serviços regulares de vapores no rio *Parana*, alguns governos estrangeiros enviaram várias expedições para explorar os rios e confeccionar mapas a fim de oferecer uma segurança maior à navegação a vapor nos rios *Parana* e *Uruguay*, assim como para investigar as possibilidades de comércio nesta parte do mundo quase desconhecida.⁵³

Com penetração no Paraguai e em Washington, Hopkins viabilizou a expedição de Page ao *Prata*, envolvendo o Secretário da Marinha John P. Kennedy na

51 MEDRANO, Lilia. *Op. Cit.*, p. 20. O Paraguai isolou-se de conflitos platinos pós-independência. Francia manteve controle da vida econômica (produção, circulação e distribuição) e López deu continuidade, buscando inserir-se na política regional com iniciativas de comércio exterior, embora mantendo monopólio estatal ao lado de empresas privadas. A Confederação Argentina reconheceu a independência do país, em 1852.

52 FITZGERALD, Oscar P. *Profit and Adventure in Paraguay in America Spreads Her Sails*, org. BARROW Jr, Clayton R. Naval Institute Press, Annapolis, Maryland, 1973, p. 70-79.

53 KROEBER, Clifton. p. 94. *La Navegación de los Rios en la Historia Argentina (1794-1860)*; Editorial Paidós, Buenos Aires, 1967.

American Geographical and Statistical Society. Ele foi nomeado cônsul e Ministro Especial do Paraguai nos Estados Unidos e, entre outras frentes da *American Company*, fundou uma fábrica de cigarros, em 1853.

Contudo, em 1854, a aliança começou a decair, López acusou Hopkins de sonegação dos impostos de exportação. Coincidência ou não, no mesmo ano, Solano López, seu filho e vice-presidente, começou também a produzir cigarros. Os desacordos incidiram em um caso de agressão física a parentes de Hopkins e, supostas irregularidades sobre a posse de terras resultaram no fechamento da fábrica norte-americana, entre demais desentendimentos.⁵⁴

Sabe-se que o governo do Paraguai incrementou a Marinha nacional investindo em navios a vapor na década de 1850, para assegurar legitimidade, independência e também fortalecer a economia. Informações de Clifton Kroeber explicam como eles excluíram os norte-americanos da indústria naval do país.⁵⁵

Os recursos do Paraguai eram limitados, mas López alocou dinheiro para comprar motores e acessórios para barcos a vapor, contratar pessoal estrangeiro para equipar, construir oficinas e material de reparação. John K. Whitehead, engenheiro altamente capacitado foi encarregado da direção de todos esses projetos técnicos, no qual trabalharam muitos ingleses e outros estrangeiros. As equipes dos principais postos nos vapores paraguaios eram formadas por ingleses e escoceses. Whitehead havia comprado, antes de sair da Inglaterra, em 1854, motores para um determinado número de barcos. Ele permaneceu por dez anos em terras paraguaias, ocupado na construção de píeres, oficinas de reparação, pequenas fábricas e galpões de obra. Também, o governo paraguaio havia enviado alguns jovens à Inglaterra para aprender navegação a vapor e engenharia. O programa, até 1860, produziu dezenas de vapores, porém toda essa obra foi destruída pela Guerra do Paraguai (1865-70).⁵⁶

Nota-se que, em certo momento, López substituiu a parceria com Hopkins por uma outra, liderada pelo inglês John Whitehead.⁵⁷ À época, Page estava cartografando a região, e preparava-se para dirigir-se à Bolívia. Porém, ao romper com Hopkins, López suspendeu o Tratado de 1853 que garantia não somente os seus interesses, mas com a promulgação de um Ato de Expulsão dos Estrangeiros, em 1854, eliminou a

⁵⁴ FITZGERALD, O.P. *Op. Cit.*, p. 72.

⁵⁵ KROEBER, Clifton. *Op. Cit.*, p. 86. No século XIX, Argentina e Uruguai pouco investiram na indústria naval; quando sim, pela iniciativa privada e com material importado. Já no Paraguai, por muito tempo, embarcações nacionais superaram as estrangeiras.

⁵⁶ _____, p. 95, Assunção manteve comunicações rápidas com portos do estuário; Corumbá e Cuiabá, ao norte, e agentes em Paraná (Argentina), Rosário, Buenos Aires e Montevideú. O itinerário dos vapores combinavam-se com linhas ultramarinas francesas, e diminuíram o tempo de viagem de Buenos Aires a Assunção de vinte para sete dias.

⁵⁷ Solano López, frequentador da corte francesa e ambientes da elite britânica, realizou uma série de expedições à Europa, entre 1853 a 1856, utilizando os navios produzidos no país, na companhia de seu pai e de John Whitehead.

presença dos norte-americanos no país.

Embora Page tenha feito parecer em seu relato que a proibição fosse contra os Estados Unidos em especial, observa-se que o Ato de 1854 proibia o trânsito de qualquer estrangeiro no Paraguai, fosse cidadão ou navio - e dos norte-americanos, inclusive. Provavelmente, liberavam a quem interessasse.

Contudo, em meio às negativas paraguaias, Page não perdia a oportunidade de valorizar os feitos norte-americanos. Ele comenta a presença britânica na indústria naval do Paraguai, fazendo propaganda da especialidade aprimorada nos Estados Unidos, a construção de barcos específicos à navegação de rios:

Tendo fé em evidências de que a ascensão do rio *Vermelho* seja navegável por navios a vapor, formou-se uma companhia composta por alguns ingleses empreendedores, com este fim. Eles receberam privilégios exclusivos do governo da Confederação Argentina e adquiriram quatro pequenos vapores na Inglaterra. Dividindo profundo interesse a todos os empreendimentos, frutos do nosso trabalho, aconselhei-os que vapores necessários à navegação, em especial dos pequenos afluentes dos rios centrais, devessem vir dos Estados Unidos. Pois, fora de qualquer sentimento nacional, e sem refletir sobre a habilidade de ingleses na construção de navios, eu não hesito em afirmar que, em nenhuma parte do mundo se tenha a construção de barcos de pequeno calado à mesma medida, ou levado-se à perfeição, como nos Estados Unidos, pela simples razão de que **aqui** nós temos uma navegação de extensão interior valiosa, a engenhosidade de *designers* para concebê-los aplicando meios de propulsão que os capacita a admitir as menores baixas de rio possíveis.⁵⁸

A desavença entre os sulistas norte-americanos e o governo paraguaio rendeu ameaças que, em pouco tempo, culminaram no ataque ao *Water Witch*, em 1855, conseqüente ao não cumprimento do Ato de expulsão a todos os estrangeiros - e norte-americanos - do Paraguai.⁵⁹

7. Interesses norte-americanos em outras partes da América do Sul.

Ante a desavença com López, frustraram-se perspectivas que relacionavam a viagem e interesses de Page aos demais países sul-americanos, para além do *Prata*. Os sulistas pretendiam afirmar uma logística continental, unindo a saída do Atlântico

⁵⁸ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 444. O autor indica estar escrevendo dos Estados Unidos.

⁵⁹ Após desacordo entre López e Hopkins no Paraguai, em 1854, a Secretaria de Estado dos EUA enviou o representante R.C. Buckalew, para renegociação do acordo ratificado por John Pendleton, *Chargé d’Affaires* norte-americano em Buenos Aires, em 1853. Sem sucesso, enviaram Richard Fitzpatrick no mesmo ano, que retornou em 1856, ainda sem nada resolver. A contenda impulsionou uma mobilização do Congresso pelo presidente James Buchanan à intervenção armada no Paraguai, pela U.S. Navy, em 1858, na qual se restituiu-se o acordo de 1853, sob intermediação de Justo José de Urquiza.

ao Pacífico pelo *Prata* (Paraguai e Argentina) e a do Pacífico ao Atlântico, pelo *Amazonas* (do Peru ao Pará, conforme realizaram W. Herndon e L. Gibbon, em 1851). A missão de Page focava-se na saída para o Pacífico e, por isto, ele precisava ultrapassar o Grande Chaco – fosse pela Argentina ou pelo Paraguai.

O grupo de Page estava articulado a elites na Bolívia e Peru visando, especialmente, a exploração de minérios; no Chile, a exploração do *guano*.⁶⁰ Também, se colocaram presentes no Equador, Colômbia e Venezuela cerceando diversos interesses conforme os projetos de Maury à qual a livre navegação seria imprescindível.⁶¹

No início da narrativa de viagem, Page comenta o encontro com Wenceslao Paunero, o “cunhado de Ballivián” (Jose Ballivián Segurola, presidente da Bolívia, entre 1841 e 1847). Naquele momento, Paunero estava em serviço do Departamento de Guerra, em Montevidéu. Ele havia liderado a Batalha de Caseiros (1851), responsável pela queda do governo de Rosas, como já indicado. Posteriormente, foi general da Tríplice Aliança, em 1865, contra o Paraguai de Solano López.⁶²

Antes de partir de Montevidéu, procurei o Coronel Wincheslao Paunero [*Sic.*], um oficial do Departamento de Guerra, cunhado do falecido presidente Bolivian [Ballivián] da Bolívia. Muito generosamente, obtive dele o empréstimo de um mapa muito bem executado a partir do qual eu pude planejar; parecia ser autêntico, realizado em data mais recente do que qualquer outro que eu havia visto. O mapa foi executado sob a administração do General Bolivian [*Sic.*]. Coronel Paunero comentou que teria muito prazer em oferecê-lo a mim, em benefício da expedição; e como foi deixado a ele um legado do amigo e parente, fez isso com muita cortesia. Ele parecia bem interessado no nosso trabalho, mandou por mim uma carta de apresentação ao *Chargé [d’Affaires]* boliviano em Buenos Aires, Sr. D. Juan de La Cruz Bennavento, a quem eu encontrei entusiasmado com o assunto da nossa expedição, na esperança de que ela poderia ser um meio de estabelecer a vitalidade ou alguma saída para os produtos de seu isolado país, pelas águas de *La Plata*.⁶³

O trecho acima foi um divisor de águas para a nossa investigação sobre os objetivos *implícitos* por Page, porque ele comprova a sincronia da viagem de Page com a viagem de William Herndon à Amazônia em 1851. A menção a Ballivián e ao mapa produzido na expedição ao rio *Pilcomayo*, durante seu governo, aparece nos

⁶⁰ Mineral abundante nas cercanias do deserto Atacama, utilizado como fertilizante, tornou-se altamente valorizado nas bolsas de valores do mundo. A atividade gerou desentendimentos entre Bolívia e Chile, poucas décadas depois, em 1872, resultando na perda das saídas da Bolívia para o mar com a Guerra do Pacífico (1879-1883).

⁶¹ De forma similar, Bolívia, Equador e Peru declararam livre navegação dos rios, em 1853.

⁶² Após a Guerra do Paraguai, Paunero aposentou-se no Rio de Janeiro.

⁶³ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 3.

dois relatos, revelando a continuidade e incumbências relacionadas aos sulistas na região. Eles esperavam que pelo rio *Pilcomayo* pudessem abrir a passagem do *Prata* ao *Amazonas*.⁶⁴

Na publicação “*Bosquejo Estadístico de Bolívia (1851)*”, o jurista José Maria Dalence, esclarece os privilégios que foram diplomaticamente garantidos aos norte-americanos. Também, pontua desentendimentos circunstanciais entre Bolívia, Paraguai e “*Dom Pedro e os Portuguezes*”, acerca das fronteiras territoriais de Otuquis, no Grande Chaco, origem de conflitos regionais que poder ser considerados enquanto “germe” da Guerra do Paraguai.⁶⁵

Dalence anunciava incentivos do governo boliviano a estrangeiros em jornais norte-americanos, oferecendo prêmio de dez mil dólares e doação de terras públicas para quem comprovasse navegabilidade a vapor no *Pilcomayo*, ou propusesse “custos de obras da *engenharia contemporânea*, utilizando dragas de construção portuária”. Todavia, Page não comenta essas informações em sua narrativa.

8. A contenda diplomática entre Page e López pela navegação do rio Paraguay.

Mesmo com um Decreto (de outubro de 1854) proibindo qualquer navio de guerra estrangeiro no território paraguaio - e expulsando qualquer cidadão norte-americano -, a expedição do *Water Witch* permaneceu. Assim, em 1855, na ausência de Page e, em suas palavras, da “melhor parte dos oficiais”, em frente ao Forte Itapiru, o “Gibraltar Paraguaio”, iniciou-se a contenda que culminaria em “graves

⁶⁴ HERNDON, William L. *Exploration of the valley of the Amazon: made under the direction of the Navy Department*. Volume 1. Washington, 1854, pp. 439, 3 vols. Sabin Americana. Gale, Cengage Learning. Columbia University. Na apresentação do relato, Herndon cita aliados e informações sobre rotas para navegação a vapor pelos Andes. Ele notifica minas de ouro, prata, estanho, entre outros recursos. Tradução da autora: “O comandante das Forças Navais Britânicas no Pacífico, Almirante Hornby, interessado na minha missão, ajudou compartilhando informações. Também George Hobson II, V War George Coog e o Comodoro Simpson, da Marinha Chilena, que emprestou-me livros de sua vasta biblioteca e mapas, ajudando na formulação dos meus planos. O Sr. Bridges, florista e botânico britânico deu descrições para que eu passasse ao Sr. Gibbon sobre águas mais praticáveis à navegação, nas nascentes das correntes. Também estive com o General Ballivián, ex-presidente da Bolívia, que estava em exílio no Chile. *Ele me emprestou um mapa da Bolívia que foi realizado sobre suas ordens enquanto presidente da República. Mas eu, que o tinha tomado em mãos, tive o infortúnio de perdê-lo.*”

⁶⁵ DALENCE, Jose Maria. *Bosquejo Estadístico de Bolívia*. Chuquisaca, Ymprenta de Sucre, 1851, pp. 38-39. Dalence relaciona o lago *Oberaba* como sendo o “Tibete da América”; sabe-se que a região abastece a hidrografia chinesa.

consequências” para o Paraguai.

Segundo o autor descreve, o *Water Witch*, estava a duzentas milhas da margem argentina do rio *Parana*, quando “parou, devido a um banco de areia”. Oficiais paraguaios chegaram em um pequeno barco para entregar uma notificação do chefe do Forte Itapiru, reforçando estar proibida a navegação ali. Da proa do navio, o tenente William Jeffers alegou que não podia compreender os termos da carta, uma vez que não dominava o espanhol. Logo, oficiais paraguaios dispararam três tiros de festim (aviso de canhão) contra os norte-americanos.⁶⁶ Segundo o depoimento de Jeffers, ele tentou contra-atacar, sem conseguir atingi-los. Na sequência, os paraguaios responderam com dez tiros que avariaram o *Water Witch*. No episódio, morreu o timoneiro (*helmsman*), Samuel Chaney.⁶⁷

Não há certeza sobre a ordem dos fatos, ou se o navio estava mesmo ancorado.⁶⁸ Contudo, quando Page escreveu essa parte da narrativa, ele já estava nos Estados Unidos. Com sua missão no *Prata* inacabada, passou a defender uma intervenção dos Estados Unidos contra o Paraguai, em razão das avarias feitas ao navio.⁶⁹ Nessa época, ele aproveitou para adiantar suas narrativas de viagem. Indignado, comenta o hostil “*insulto*” no relato;

Para que essa indignação apareça em sua verdadeira luz, deve-se considerar que o decreto de 3 de outubro, de 1854, não poderia incluir as águas em que o *Water Witch* estava quando se disparou contra ele. Na verdade, nenhuma parte do rio *Parana* está sob jurisdição exclusiva do Paraguai. Até no Forte Itapiru, a duzentos quilômetros à frente no rio, fronteiras são comuns à Confederação Argentina (*Corrientes*) e Paraguai. O insulto em si mesmo é um fato que não pode ser tolerado; no entanto, é ofuscado pela fraude que o presidente López tenta impor ao público pelas colunas do [jornal] *Seminário*. Sobretudo, inclui-se aqui um esboço cartográfico do nosso posicionamento no rio, do forte, e arredores, representando os tiros disparados em **defesa** do *Water Witch*, depois que seu timoneiro foi morto em uma atitude hostil. Requer-se perspicácia para que oficiais responsáveis sejam “*severamente punidos*”.⁷⁰

Segundo Page, o Paraguai não havia razões para o que fez. Sobretudo, quando se tratava de ir contra “uma expedição sob ordens do governo norte-americano”. Para o comandante, o presidente López (um especialista em jurisdições) agiu em desacordo com a *Lei das Nações*, pois “fez má interpretação do direito internacional acerca dos *direitos sobre a fronteira* pela qual defendia a jurisdição sobre o canal”. Assim, além

⁶⁶ Como analisamos anteriormente, havia uma situação de ruptura comercial entre paraguaios e sulistas representados por Hopkins e os interesses da *American Company* no país.

⁶⁷ No relato, Page inverteu a situação, alegando que o paraguaio não compreendia o inglês.

⁶⁸ Na correspondência oficial, S. Chaney afirma que tentou ancorar, mas não conseguiu.

⁶⁹ FITZGERALD, O.P. *Op. Cit.*, pp. 70-79.

⁷⁰ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 308.

de negar que a posição do *Water Witch* estivesse violando um direito nacional, Page insinuou que ao provocar a contenda, López estaria “chamando-o para uma guerra de papel”, ou seja, guerra declarada.⁷¹

Evidentemente, o presidente do Paraguai estava alarmado quanto à antecipação de uma retaliação pelo meu insulto, e trovejou contra o *Water Witch*. Seus artigos, destinados a impor credulidade aos paraguaios, devem excitar muito divertimento em *La Plata*. Ataques pessoais a mim são feitos pelos editoriais do seu pequeno veículo semanal *El Seminário*; desde a remoção dos **americanos**, eu não havia percebido que Vossa Excelência estava me chamando para uma guerra de papel [declarada]. Mas despertarão consciência para a gravidade de um ato totalmente em desacordo com a *Lei das Nações*. Ele se justifica ousadamente, alegando jurisdição ao longo do canal principal do *Parana* como se o navio corresse perto de suas margens [paraguaias]. Quando ele se esforçou para fazer parecer que o *Water Witch*, havia entrado em território paraguaio violando um direito nacional, eu resolvi expor essa evasão ou má interpretação a todos os princípios do direito internacional: em um dos principais jornais de Buenos Aires declarei a posição do navio quando alvejado. Ele estava totalmente amparado pela *Lei das Nações*. Da minha parte, pretendi demonstrar como os direitos sob a fronteira devem ser reconhecidos plenamente. Não há justificativa para se dizer que tiros de festim foram disparados e uma mensagem entregue pelo forte [no *Water Witch*], pois não se reconhece o direito do Paraguai em controlar a exploração do rio. A proibição do presidente López foi um posicionamento insustentável de poder, e a execução dos tiros, em todos os sentidos possíveis, uma afronta agressiva.⁷²

Mesmo que os paraguaios tenham avisado aos norte-americanos por tiros de festim e pela correspondência entregue, Page não reconhecia qualquer direito do Paraguai em controlar a navegação do rio, julgando ilegítima a atitude do presidente. Ao defender-se contra “acusações” publicadas por López em jornais locais, Page exprime convicção da superioridade cultural e política norte-americana, apontando a posição protecionista e pouco esclarecida — uma comprovação do “atraso” — daquele Estado sul-americano, ao agir em desacordo com a vigência dos tratados internacionais.

Ainda, Page menciona positivamente os acordos com o Brasil para descrever a situação, como se não tivesse interessado em explorar especificamente nada no Paraguai, apenas em transitar pelo rio em nome de resultados para o comércio e a ciência. Nota-se que o autor precisava justificar uma possível intervenção dos Estados Unidos no Paraguai para punir a afronta “que não deveria ser tolerada”.⁷³

⁷¹ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 446.

⁷² PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 316.

⁷³ PAGE T.J. *Op. Cit.*, pp.593-596. No documento em que Page explica o ataque ao Secretário da U.S. Navy (James C. Dobbin), em 1855, afirma que o *Water Witch* localizava-se a “pouco menos” de 200 milhas do Forte, contradizendo a *Lei das Nações*. Além disto, inclui-se o

Outra controvérsia refere-se à posição exata do *Water Witch* no momento do incidente. Page reclama a ilegitimidade do mapa apresentado por López, acusando que proporções errôneas do espaço em questão haviam sido ditadas a um “dócil desenhista” estrangeiro. Para delatar a incompetência do oficial de artilharia do Itapiru, Page declara; “ele pode até ser hábil em dirigir tiros, mas pouco sabe sobre levantamentos hidrográficos”, novamente em tentativa de desqualificar os paraguaios.

Na página ao lado, a cópia reduzida do esboço feito por ordem do Presidente López, e um esboço verdadeiro do rio *Parana*, próximo à foz do *Paraguay*, a partir do gráfico do *Water Witch*. O “croqui” aqui oferecido é, sem dúvida, trabalho de um estrangeiro, porque não há, presumidamente, um nativo [paraguaio] capaz de fazê-lo, seja a partir de uma pesquisa ou mesmo ditado. Provavelmente estes direcionamentos são do oficial de artilharia do Itapiru, que pode até ser hábil em dirigir tiros, mas pouco sabe sobre levantamentos hidrográficos. O presidente não se importa nem mesmo em representar a natureza no trabalho, pois pretendia ilustrar uma ideia. De seu escritório, longe da cena, ditou para o dócil desenhista um rio sinuoso, induzindo-o a inserir certos bancos de areia, e os representantes paraguaios afirmam a “ideia” que pretendem apresentar para os Estados Unidos. Mas, Vossa Excelência, embora seja admirável diplomata, como o seu relator, infelizmente, é tão ignorante nos princípios mais básicos da hidrografia.⁷⁴

relato do tenente William N. Jeffers, sob comando do navio, na ausência e conforme instruções do comandante, rumou à entrada do *Paraguay*. Jeffers descreve que perante a abordagem, ele tentou ancorar, sem conseguir. E, logo nos primeiros disparos da *Guardia Cerrito*, morreu Samuel Chaney. Ele então tentou corresponder ao ataque, mas a armada paraguaia estava posicionada para combater a armada brasileira (ação mencionada por Page). Segundo Jeffers, eram cerca de 6.000 homens paraguaios contra apenas 28 no *Water Witch*.

⁷⁴ PAGE T.J. *Op. Cit.*, p. 312.

Croqui da região na qual o navio de Thomas Jefferson Page foi atacado. Norte-americanos alegaram o domínio da Confederação Argentina; portanto, o direito internacional, conforme a *Lei das Nações*, garantia a livre navegação naquelas águas.⁷⁵

Ainda, Page apelou às autoridades brasileiras, mas embora o Brasil tenha enviado simultaneamente uma comitiva que, em 1855, pudesse ajudá-lo a mediar as distensões, elas não corresponderam às suas expectativas nas circunstâncias imediatas. No relato, Page insinua os interesses brasileiros no jogo político em

⁷⁵ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 309.

questão, desdenhando das relações regionais. Afinal, como mencionado anteriormente, alguns pontos acerca da navegação dos rios locais, principalmente o *Paraguay*, estavam sendo definidos entre vizinhos. Afirmando que, “Ao tratado que tanto se esperava despeja-se a nulidade”, Page dá a entender um fechamento generalizado das relações do Paraguai na região, possivelmente colocando o Brasil contra o país. De fato, nos anos seguintes, o Paraguai começou a se fechar e alianças formadas entre Brasil, Uruguai e Argentina, em pouco tempo, culminariam na Guerra do Paraguai.⁷⁶

Um tratado foi concluído, concedendo ao Brasil o direito de navegação, da porta do *Paraguay* a toda parte, reservando ainda alguns ajustes quanto à questão dos limites. Os documentos imperiais eram completos nesse tratado; honrarias foram derramadas sobre uma diplomacia bem sucedida, um esforço de anos contra Rosas e López foi encerrado. O Brasil teve acesso por água ao noroeste de suas províncias e navios bem abastecidos foram despachados para Cuiabá. Mas o que ocorreu ao final de tudo? Cada obstáculo inimaginável é jogado no caminho pelo governo do Paraguai. Os navios são parados desnecessariamente em guardas e cidades; passaportes vistoriados e reexaminados por todos e cada um; pilotos e cargas são alterados, o que envolve não somente o atraso da expedição, mas aumento de despesas. Ao tratado que tanto se esperava despeja-se a nulidade. O Brasil enviou um embaixador para Assunción com instruções especiais para remover todas essas dificuldades. E qual foi o resultado? Ele retornou, sem nada ter efetuado. Com **certos preparativos bélicos**, em seguida o Brasil enviou um Ministro ao Paraguai para chegar a um acordo com o governo.⁷⁷

Entretanto, sem apoio de alianças políticas locais para uma retaliação imediata ao ataque, sem nada conseguir mudar, desapontado com o andamento do caso e incapaz de assumir qualquer responsabilidade sobre o incidente, Page foi constrangido a voltar para os Estados Unidos, sob orientação do Secretário da Marinha, em 1855. Abaixo, a intimação de James Dobbin para que retornasse ao país:

SIR, - O Departamento está satisfeito com a energia exibida por você nos esforços para realizar as explorações e pesquisas para o qual foram enviados, em meio a muitas dificuldades. Minha opinião é que os interesses públicos exigem o retorno da expedição. Você deverá, portanto, assim que receber esta mensagem, dar sequência ao retorno do *Water Witch* aos Estados Unidos, para o porto de Washington.⁷⁸

Sobre o retorno aos Estados Unidos ainda com seu trabalho por terminar, Page comentou:

Quando nos lembramos das mudanças sociais e políticas transcorridas em apenas um

⁷⁶ Vale observar que um dos estopins da Guerra do Paraguai diz respeito à navegação do rio *Paraguay*. Em 1864, após a intervenção brasileira no Uruguai, aprisionaram o navio *Marquês de Olinda* que levava o presidente da Província do Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos. Somente no Tratado de Paz de 1872, o Brasil garantiu a navegação contínua do rio, assim como as fronteiras territoriais reivindicadas antes da guerra.

⁷⁷ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 448.

⁷⁸ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 480.

ano, pode-se imaginar ansiedades e medos, esperanças e felicidades que movem o coração do marinheiro. E depois de uma expedição de mais de três anos em águas estrangeiras, finalmente se ouve o chamar do contramestre; "Todos a postos, subam a âncora, voltaremos para casa!"⁷⁹

Enraivecido, Page culpava obviamente o governo paraguaio pelo mal sucedido na expedição. Nos Estados Unidos, organizou seu retorno à América do Sul, reunindo dados, fatos e preparando uma argumentação convincente para, em primeiro, garantir uma intervenção da força naval norte-americana ao Paraguai. Dos Estados Unidos, como mencionado, trabalhou os mapas e se ocupou de finalizar a primeira parte da narrativa, sempre justificando as suas ações e desqualificando as dos paraguaios.

Com a ocorrência, o Departamento de Estado dos Estados Unidos enviou o diplomata Richard Fitzpatrick (que havia estado no Paraguai em 1853), novamente em 1856 para resolver o caso, mas não conseguiu restituir o tratado almejado (de 1853), e não aceitou a nova proposta do governo paraguaio. A partir disto, o presidente James Buchanan entrou em ação. Conseguiu mobilizar US \$10.000 no Congresso, em 1858, para realizar uma nova expedição no país. Nela, nomeou-se William Shubrick ao comando da Esquadra do Brasil e Charles Bowlin como encarregado para negociar a questão com os paraguaios.⁸⁰

Desta forma, reuniram 19 navios oriundos de diversas estações navais norte-americanas e se dirigiram ao Paraguai. Eles tinham objetivo declarado de exigir reparação pelos danos provocados no incidente ao *Water Witch*, incluindo um pedido de desculpas formais do governo paraguaio, além da restituição dos acordos comerciais anteriores ao conflito.⁸¹ O historiador Vincent Ponko Jr. descreve a movimentação da frota de 19 navios com a incumbência de intervir no Paraguai.

Com dinheiro liberado pelo Congresso, sob autorização do Presidente, o Departamento da Marinha enviou uma frota de 19 navios sob comando do Oficial de bandeira William B. Shubrick para levar James B. Bowlin, oficial encarregado dos Estados Unidos, para enfrentar o Presidente Carlos López. A frota incluía o *Water Witch*, levava 2.500 homens e 200 canhões. Page comandou a fragata *Salinas*, com status de capitão de frota. A expedição saiu de Nova York, em outubro de 1858.⁸²

⁷⁹ Idem, *Ibidem*.

⁸⁰ SCHEINA, Robert. *Water Witch Incident - Encyclopedia of Latin American History and Culture*. Ed. Jay Kinsbruner and Erick D. Langer. 2nd ed. Vol. 6. Detroit: Charles Scribner's Sons, 2008. P. 425.

⁸¹ FITZGERALD, O.P. *Op. Cit.*, p. 76.

⁸² PONKO JR., V. *Op. Cit.*, p. 129. Adoto aqui os números indicados por Ponko, pois ele é um historiador especialista em História naval. Entretanto, os números registrados variam. Por exemplo, o autor Oscar Fitzgerald aponta, ao total; 15 navios, 77 canhões, 1449 marinheiros e 291 soldados envolvidos na contenda.

Após um mês de negociações, em 1859, os norte-americanos submeteram os paraguaios ao pedido de perdão pelos “danos” causados, com uma indenização de dez mil dólares à família de Samuel Chaney. Reafirmaram o acordo de 1853, adicionando cauções à exploração comercial e navegação dos rios e garantias ao fluxo do rio *Paraguay*, liberando o caminho para a Bolívia. Ainda, para restituição dos prejuízos alegados no caso da *American Company*, E. Hopkins liderou um longo processo judicial que perdurou até a década seguinte.⁸³

10. Considerações finais: exílio de um “aristocrata sulista” na Argentina.

Após a retaliação dos Estados Unidos, Page — que não participou da intervenção no Paraguai, ainda que o *Water Witch* fizesse parte da frota de 19 navios — retornou para concluir a prospecção do Estuário do *Prata*. O texto desta narrativa, intitulado *Farther Explorations in La Plata made in the years 1859 and 1860 under the orders of the United States Government*, conformou a segunda parte do relato de viagem oficial da expedição. Nesta segunda etapa, os sulistas utilizaram os navios a vapor *Argentina* e o *Alpha*, um navio menor e mais apropriado para rios de cursos difíceis. Visitaram, especialmente, os rios *Vermelho*, *Pilcomayo* e a região de *Otuquis*, no sentido da Bolívia — exatamente as partes que ficaram faltando prospectar por causa do conflito.⁸⁴

⁸³ FITZGERALD, O.P. *Op. Cit.*, pp. 77-79. Segundo o autor, a perda real da *American Company* foi de US \$254.489, mas pressionaram para receber entre US \$935.000 (máximo) à demanda mínima de US \$500.000, incluindo o que haviam deixado de ganhar. Durante a intervenção, López propôs o acerto de US \$250.000, mas Bowlin partiu sem finalizar. Em Washington, 1860, o encarregado norte-americano Cave John encontrou-se com o diplomata paraguaio José Bergés; decidiram enviar o caso para resolução internacional, entre representantes da Rússia, Prússia e Grã-Bretanha. Todavia, Buchanan tramitou-o ao Senado, depois Hopkins persuadiu o presidente Abraham Lincoln a indicar Charles Washburn para resolve-lo. Com a iminente Guerra Civil norte-americana esfriaram-se as negociações, mas Fitzgerald afirma que chegaram a considerar o envio de nova expedição ao Paraguai. A companhia mandou por conta própria James B. Bond ao país, em 1861. Em 1862, López faleceu, o caso ficou suspenso por 15 anos até que os norte-americanos o retomaram. Após a dura derrota paraguaia na Guerra do Paraguai, enviaram o Secretário de Estado Bayard ao local. Em 1887, o Ministro de Relações Exteriores paraguaio concordou com o pagamento de US \$90.000 em ouro, mas a decisão foi barrada pelo Congresso nacional. Hopkins faleceu em Washington, em 1888 e, segundo O. Fitzgerald, “o caso, finou-se com ele”.

⁸⁴ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 863. É interessante que Page mencione ter se encontrado com Francisco Varnhagen, do *Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Aparentemente,

Em relação aos objetivos da expedição, enquanto os resultados do rio *Vermelho* foram positivos — Page chega a eleger Esquina Grande, localizada a duzentos quilômetros de Salto, como um bom porto para se estabelecer a navegação comercial na região —, não conseguiram comprovar a navegabilidade do rio *Pilcomayo*, nem a ligação das lagoas *Oberaba* e *Guaíba* com a Bolívia.⁸⁵ Aparentemente, a árida geografia do Chaco - “um mar de mato”, nas palavras de Page -, com seus misteriosos alagadiços, assim como a “hostilidade” das populações indígenas, principalmente, dos índios *Guaranis*, desta vez, justificaram maiores dificuldades à expedição.⁸⁶ Page não encontrara a passagem do *Prata* para o *Amazonas* como sonhara, o que faria com que recebesse louros no seu país pelo achado, evitando que a expedição fosse lembrada pelo conflito que envolveu a armada de 19 navios ao *Paraguay*.

De qualquer forma, considera-se que parte dos objetivos de Thomas Jefferson Page foram levados a cabo no Estuário do *Prata*: afinal, eles realizaram o mapeamento da região e conseguiram firmar alguns acordos de navegação e comerciais. Entretanto, eles não divisaram a passagem entre as bacias do *Prata* e do *Amazonas* que tanto procuram. Eles também não tiveram sucesso quanto ao projeto de estabelecer uma imigração de famílias sulistas no Amazonas ou quem sabe para a região do *Prata*. Ainda que, como sabemos, Dom Pedro II tenha acordado para que algumas famílias sulistas norte-americanas imigrassem para o interior de São Paulo, estabelecendo-se nas cidades de Americana e Santa Bárbara do Oeste.⁸⁷

No entanto, os objetivos que Page cumpriu no *Prata* foram somente finalizados por ameaça do uso da força dos Estados Unidos na região, em um evento no qual uma armada foi conformada para que submetesse o governo do Paraguai ao que os Estados Unidos consideravam como “as leis internacionais”. Leis que, como se sabe, haviam sido ditadas na Europa, mas que nem todos os países haviam aderido. Muitos, inclusive, poderiam aderir ao Tratado de navegação dos rios quando interessava, ou rechaçar o mesmo quando seus interesses estivessem ameaçados. Esse foi o caso do

Varnhagen e os brasileiros também prospectavam as divisas da região de Otuquis.

⁸⁵ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 711. Rios ao oeste do Chaco são mais regidos pelo clima dos Andes. Na estação de chuvas, outubro a março, o *Vermejo* é inundado. O *Pilcomayo*, pelo contrário, flui com nível baixo nas chuvas, época em que se formam esteiros, pântanos e lagoas de vegetação sufocante, obstruindo e desviando-o (KROEBER, Clifton, pp. 26-27.)

⁸⁶ WOOD, Robert D. *Thomas Jefferson Page*, American National Biography Online. American Council of Learned Societies. Oxford University Press, 2000.

⁸⁷ Sobre essa imigração de Confederados para o interior de São Paulo, consultar: OLIVEIRA, Ana Maria Costa. *O destino (não) manifesto: os imigrantes norte-americanas no Brasil*. São Paulo: União Brasil-Estados Unidos, 1995.

Brasil, que argumentou pelo fechamento do rio *Amazonas* às nações estrangeiras, mas lutava para a abertura dos rios da bacia do *Prata*, em razão do tráfego dos navios brasileiros até o Mato Grosso.

A Guerra Civil (1861-1865) pôs fim a era dos sulistas na U.S. Navy. Page serviu como comandante na Marinha dos Confederados, na Virginia. Baseou-se no rio *York*, perto de Gloucester County, sua cidade natal. Mais tarde, em 1863, serviu como diplomata e atuou como agente secreto na Itália, encarregado de recuperar o encouraçado *Stonewall* para os Confederados.⁸⁸ É um fato significativo que, após a Guerra Civil Norte-americana, Page, muito próximo de Justo José de Urquiza, tenha passado uma temporada na Província de Entre Ríos, levando com ele dois de seus filhos, Philip Nelson e Frederick John, que morreu, em 1890, em um ataque dos “selvagens” enquanto prospectava o rio *Pilcomayo*.⁸⁹

As boas relações de Page com Urquiza perduraram; ele recebeu dele terras para cuidar e meios para cultivá-la. Ao fim do seu relato de viagem, Page menciona o conselho do amigo para aposentar-se em Entre Rios.⁹⁰ Bem acolhido na Argentina, o sulista desenvolveu um sistema de defesa entre Buenos Aires, a ilha Martin Garcia e Encenada, utilizando torpedos similares aos desenvolvidos na Guerra Civil nos Estados Unidos. Em 1875, junto a Hunter Davidson, também da Virginia, criou a Divisão Argentina de Torpedos. Contratado pelo governo argentino trabalhou na construção de quatro navios na Grã-Bretanha. Passou o final da vida na Itália, já cego. Faleceu em Roma, em 1899, aos 92 anos.

A melancólica trajetória pessoal de Page mostra o percurso de um “aristocrata” após a derrocada do Sul dos Estados Unidos na Guerra Civil. Tanto na Argentina, na Itália ou na Inglaterra, Page esteve longe do país que havia imposto aos seus iguais uma “amarga derrota”. Junto à sua família foi expatriado do seu país de origem.⁹¹

88 PONKO JR. V. p. 133-132.

89 Em 1869, Hopkins participou da obra de transposição do curso do rio *Vermejo*, um dos maiores acidentes ecológicos da história da região. “Como resultado, o curso inverso Teuco-Vermelho empurra errônea e anualmente ao rio *Paraguay* uma quantidade de areia e argila vermelha estimada em 100.000.000 toneladas (62 milhões m³).”

90 PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 723.

91 GERDING, Eduardo C. *The Confederate Navy and the Argentine Hydrographic Survey: Time of Spar Torpedo*, in *The Buenos Aires Herald*, 14 dezembro, 2003 – Focus - 8.

Fontes:

PAGE, T.J. *La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay. Being a narrative of the exploration of the tributaries of the river La Plata and adjacent countries during the years 1853, '54, '55 and '56, under the orders of the United States Government & Farther Explorations in La Plata - Made in the years 1859 and 1860, under the orders of the United States Government.* Biblioteca do Congresso norte-americano, Washington, DC. Washington: Harper and Brothers, 1871. Cf. http://archive.org/stream/cu31924021079565/cu31924021079565_djvu.txt (Acessado em 02/09/2013).

PAGE, T.J. *Report of the Exploration and Survey of the River La Plata and Tributaries by Thomas J. Page, Commanding the United States Steamer Water Witch to the Secretary of Navy.* Washington: Connerlius Wendell Printing, 1856. Biblioteca da Universidade de Columbia, N.Y, Estados Unidos. Cf. <http://goo.gl/UxMf2f> (Acessado em 02/09/2013).

PAGE, T.J. “La Plata, the Argentine Confederation, and Paraguay”, in *North American Review, Harpers magazine*, Volume 0088 Issue 183 (Abril de 1859), pp. 430-443. Biblioteca da Universidade de Cornwell, Estados Unidos.

Archivo General de La Nación – Museo Histórico Nacional, Buenos Aires, Argentina.
Índice Temático General; Correspondencias Navales (Estados Unidos)
MARINA Años 1851-1859, Capitanía del Puerto – Copiador de Cartas
Tomo 10.36.10.22 (Folhas numeradas)

Archivo General Justo Jose de Urquiza – Buenos Aires, Argentina.
De 1853 a 1859; de TOMO 146 a TOMO 163. (Folhas numeradas)

AFRICAN American Newspapers, *THE NATIONAL ERA, Opening of the Rivers Amazon and La Plata*; March 31, 1853; Washington, D.C. Butler Library, Columbia University.

BOURNE, John. *Indian River Navigation A report to the comitee of gentlemen formed for the establishment of improved steam Navigation upon the Rivers of Índia India*; W. H. Allen & Company: Londres, 1849. Butler Library, Columbia University.

DALENCE, Jose Maria. *Bosquejo estadístico de Bolivia.* Chuquisaca, Ymprenta de Sucre, 1851. Butler Library, Columbia University.

GUZMÁN, Santiago Vaca. *Intereses comerciales entre Bolivia y el Plata El Pilcomayo, por Santiago V. Guzman. Obra escrita por Comisión especial de s.e.el señor ex-ministro del interior de la República Argentina, dr. D. Saturnino M. Laspiur (1847-1896).* Buenos Aires, Impr. de P. E. Coni, 1880. Butler Library, Columbia University.

HERNDON, William L. *Exploration of the valley of the Amazon : made under the direction of the Navy Department.* Volume 1. Washington, 1854. 439pp. 3 vols. *Sabin Americana.* Gale, Cengage Learning. Columbia University, 2012. Cf. <http://goo.gl/xynDEh> ((Acessado em 02/09/2013).

INGERSOLL, Mr. *Report of the Memorial of Lieutenant Maury: In Behalf of the Memphis Convention in Favor of the Free Navigation of the Amazon River to the Comitee of foreig Affairs*, Ed 22 Miscellaneous (U.S. House of Representatives, 33rd Congress, Report N 95, Washington) 1854. Butler Library, Columbia University.

MUÑOZ, Juan Ramón. *Apuntes cronológicos de la campaña emprendida sobre el sud por el ejercito libertador al mando de S.E. el Jeneral Ysidoro Belzú. Lo escribió el Oficial Mayor de Guerra J.R.M.* La Paz - Bolivia; Impr. de Beeche, 1848. Butler Library, Columbia University.

WORLD AFFAIRS, "A Court of Nations" In *The Advocate of Peace*. Boston: American Peace Society, janeiro e fevereiro de 1859, pp. 8-10. Cf. <http://goo.gl/FOISP7> (Acessado em 02/09/2013).

Referências Bibliográficas:

BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BENTON, Lauren. *Law and Colonial Cultures*. Cambridge University Press: NY; 2001.
_____. *Geography and Empire*.

BORM, Jan. *Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writting and Terminology*. In: HOOPER, Glen and Youngs, Tim. *Perspectives on Travel Writing*. Londres: Ashgate, 2004.

BURNETT, D. Graham. *Hidrographic discipline among the Navigators: charting and empires of Commerce and Science in the Nineteenth century Pacific, in Akermas, James, The Imperial Map : Cartography and the Mastery of Empire*, University of Chicago Press, 2009, p. 185-257.

CERVO, Amado, BUENO, Clodoaldo. *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Cidades, Províncias, Estados: Origens da Nação Argentina (1800-1846)*. São Paulo: Hucitec, 2009.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUROSELLE, Jean Baptiste. *Todo Império Perecerá. Teoria das Relações Internacionais*. Brasília: UNB, 1998.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a Consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006.

FITZGERALD, Oscar P. *Profit and Adventure in Paraguay in America Spreads Her Sails*, org. BARROW Jr, Clayton R., Naval Institute Press, Annapolis, Maryland, 1973, p. 70-79.

GERDING, Eduardo C. "The Confederate Navy and the Argentine Hydrographic survey: Time of the Spar Torpedo", in *The Buenos Aires Herald*, Domingo, 14 de dezembro, 2003 – Focus - 8. Cf. <http://www.civilwarhome.com/argentinehydrosurvey.htm> (Acessado em 02/09/2013).

GLENN, Thomas Allen. *Some Colonial Mansions and Those Who Lived in Them*. Philadelphia: Henry T. Coates & Co., 1899.

HILL, Lawrence F. *Diplomatic Relations Between the United States and Brazil*. Durham: Duke University Press, 1932.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital (1848-1875)*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JOSEPH, Gilbert M., “Close encounters. Toward a new cultural history of U.S. –Latin American Relations”, in Gilbert M. Joseph, Catherine Legrand e Ricardo Salvatore (orgs.), *Close encounters of empire. Writing the cultural History of U. S.-Latin American relations*, Durham, Duke University Press, 1998, p. 3-46.

JUNQUEIRA, Mary A. “Ciência, técnica e as Expedições da Marinha de Guerra Norte-americana, U.S. Navy, em Direção à América Latina (1838-1901)”. In *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História, UFMG, vol. 23, n. 38, jul/dez 2007.

_____. *Ao Sul do Rio Grande – Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

_____. *Charles Wilkes, a U.S. Exploring Expedition e a Busca dos Estados Unidos da América por um Lugar no Mundo (1838-1842)*. In *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, 2008, pp. 120-138.

_____. *Os objetivos da circunavegação da U.S. Exploring Expedition (1838-1842): longitude, mapeamento náutico e instituição das coordenadas geográficas modernas*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, pp. 27-48.

KROEBER, C. B. *La Navegación de los Rios em La História Argentina (1794-1860)*. Buenos Aires: Paidós, 1967.

LA FUENTE. Ariel de. “Gaúchos”, “Motoneros” y “Motoneras”, in GOLDMAN, Noemi e SALVATORE, Ricardo (org.) *Caudilhismos Rioplatenses. Nuevas Miradas a un Viejo Problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

LYNCH, John. *As Repúblicas do Prata, da Independência à Guerra do Paraguai*. In: Leslie Bethell (org.). *História da América Latina, Volume III: da Independência até 1870*. São Paulo – Brasília: Edusp-Funag, 2001.

LUZ, Nícia. *A Amazônia para os Negros Americanos*. Editora Saga, Rio de Janeiro, 1968.

MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria: Imaginação Geográfica e Política Externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

MEDRANO, Lilia I. Z. de. *A Livre navegação dos Rios Paraná e Uruguai: uma Análise do Comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1989.

MIROW, M.C. *A History of private Law and institutions in Spanish America*, Texas University Press, 2004.

_____. *U.S. “The Power of codification in Latin America: Simon Bolívar and the Code Napoleón” Tulane Journal of International and Comparative Law*, 2000.

MONIZ BANDEIRA, L. A. *O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai – da Colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 3ª Ed. Rio de Janeiro/ Brasília: Revan- EdUnb, 1998.

PALM, Paulo Roberto. *A Abertura do Rio Amazonas à Navegação Internacional e o Parlamento Brasileiro*. - Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. FFLCH-USO – dissertação de Mestrado em História Social, 2005, (mimeo).

PLATT, D. C. M. *Latin America and British Trade (1806–1914)*. Londres: Adam & Charles Black, 1972.

PONKO, Vincent Jr. *Ships, Seas and Scientists – U.S. Naval Exploration and Discovery in the Nineteenth Century*. Annapolis: Naval Institute Press, 1974.

PRADO, Maria Lígia C. *América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 1999.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império – Relatos de Viagem e Transculturização*. São Paulo: EDUSC, 1999.

RICERCHIA, Ricardo. *Viajeros: Ilustrados y Românticos en La Imaginación Nacional*. 1ª Ed. Buenos Aires: Troquel, 2005.

ROMANACH, Alfredo B., ROQUE, Julio Rafael Contreras. *El Paraguay en 1857. Un Viaje Inédito de Aimé Bonpland*. Assunción: Servilibro, 2006.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALVATORE, Ricardo D. *The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire*. In LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

_____. *Imágenes de un Império. Estados Unidos y las Formas de Representación de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 2006.

SAMPAIO, Maria Clara S. *Fronteiras Negras ao Sul. A Proposta dos Estados Unidos de Colonizar a Amazônia Brasileira com Afro-descendentes Norte-americanos na Década de 1860*. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o Interamericanismo*. São Paulo: UNESP, 2004.

SARAIWA, José Flávio Sombra. *Relações Internacionais Dois Séculos de História*. Rio de Janeiro: FUNAG, 2001.

SCHEINA, Robert. "Water Witch Incident." *Encyclopedia of Latin American History and Culture*. Ed. Jay Kinsbruner and Erick D. Langer. 2nd ed. Vol. 6. Detroit: Charles Scribner's Sons, 2008. 425. *Gale Virtual Reference Library*. Web. 2 May 2012.

SCHIMITT, Carl. *El Nomos de La Tierra*. (1ª Ed. 1950).

SCOBIE, James R. *La Lucha por la Consolidación de la Nacionalidad Argentina (1852-1862)*. Buenos Aires: Libreria Hachete, 1964.

SLAUGHTER, Anne Marie. *The Impact of International Law on International Cooperation: Theoretical Perspectives*. Edited by Eyal Benvenisti and Moshe Hirsch. New York: Cambridge University Press, 2004.

SPROUT, Harold & Margaret. *The Rise of American Naval Power (1776-1918)*. Annapolis: Naval Institute Press, 1966.

SCHROEDER, John H. *Shaping a Maritime Empire – The Commercial and Diplomatic Role of the American Navy (1829-1861)*. Westport: Greenwood Press, 1943.

SHUMWAY, Nicolas. *La Invención de la Argentina. Historia de una Idea*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1993.

TERNAVASIO, Marcela. *El pensamiento de los Federales*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A Viagem e Seu Relato*. In *Revista de Letras da UNESP*. São Paulo: vol. 46, n.1, 2006.

_____. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970.

WATSON, Adam. *A Evolução da Sociedade Internacional: Uma análise Histórica Comparativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WHEATON, Henry, PHILIPSSON, Coleman, *Elements of International Law*, pp. 197-288. Google Books; Cf. <http://goo.gl/dNUOs2> (Acessado em 02/09/2013).

_____. WHEATON, H. *History of the Law of Nations in Europe and America: From the Earliest Times to the Treaty of Washington, 1842*. “Modern Law of Nations” – Freedom of Navigation of the Great Rivers, pp. 498-516. Google Books; Cf. <http://goo.gl/HHPxy0> (Acessado em 02/09/2013).

WOOD, Robert D. *Page, Thomas Jefferson*. American National Biography Online. American Council of Learned Societies. Oxford University Press, 2000.

Imagens do comandante Thomas Jefferson Page (U.S. Navy) sobre a América do Sul: discurso imperial e o relato de viagem “*La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay (1853-1860)*”

Marília Arantes Silva Moreira

Resumo: O artigo propõe-se a acompanhar as imagens, visões e julgamentos do comandante da U.S. Navy, Thomas Jefferson Page, expressos na narrativa da viagem “*La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay (1853-1860)*”, sobre os países da América do Sul. Predominantemente, o discurso de T.J. Page descreve sobre o presidente do Paraguai, Carlos Antonio López e o presidente da Confederação Argentina, Justo José de Urquiza. O comandante, por um lado, criticava o primeiro que defendia a proibição da navegação dos rios paraguaios, por outro, elogiava o argentino que facilitava a mesma operação em seu território.

Palavras-chave: Estados Unidos, América do Sul, Viagens e viajantes.

1. Comércio, Ciência e Progresso.

Na década de 1850, a U.S. Navy destacou o navio a vapor, *Water Witch*, comandado pelo oficial sulista norte-americano, Thomas Jefferson Page, para navegar pelos rios da bacia do *Prata*. Movido por interesses comerciais e científicos, o comandante tinha também a intenção de forçar a abertura de parte dos rios da região, principalmente aqueles que fluíam no território paraguaio ou limitava o país com outros vizinhos.

Ao longo do século XIX, a navegação dos rios tornou-se uma questão estratégica às nações marítimas. Potências navais lançaram expedições pelos interiores dos continentes mais remotos, procurando revelar características de regiões até então desconhecidas ao universo eurocêntrico, sobretudo, para explorá-las comercialmente. Com o domínio do conhecimento científico determinando o poder político, os Estados Unidos buscaram garantir seu lugar no mundo.⁹²

No período, a ideia de progresso associada ao comércio e a ciência incitou o desbravamento da natureza “selvagem” pelo homem “civilizado”. Nesse processo, o papel da cultura e da política foram fundamentais à expansão das fronteiras dos Estados Unidos; afinal, tanto constituíram o seu território quanto seus interesses além

⁹² JUNQUEIRA, Mary A. “Charles Wilkes, a *U.S. Exploring Expedition* e a Busca dos Estados Unidos da América por um Lugar no Mundo (1838-1842)”. In *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, 2008, pp. 120-138.

mar. Essas atuações norte-americanas, no século XIX, foram informadas por dispositivos discursivos diversos, nos quais se destaca a *cultura imperial* que já fazia parte do país desde os primeiros anos da formação do Estado nacional.⁹³

No Ocidente, desde que, no século XVIII, estabeleceu-se o projeto classificatório global pelos europeus - o *sistema naturae*, de Lineus -, a história natural ganhou importância. Viajantes, fossem cientistas ou não, passaram a descrever a natureza das “terras exóticas e selvagens”. E, conforme colecionavam espécimes da fauna e flora, enriqueciam acervos de museus nos centros metropolitanos, ilustrando o domínio estrangeiro de cada país na corrida pelo conhecimento do mundo. Neste sentido, os norte-americanos estavam decididos a angariar também suas coleções.⁹⁴

Fortes textos de idealização cultural, neste período, os relatos de viagem alimentaram a imaginação do leitor. Uma crescente produção editorial consolidou-os como foco de interesse público, segundo coloca a historiadora Mary Louise Pratt.⁹⁵ Este gênero híbrido - o qual aceita a mistura livremente de discursos científicos, políticos, autobiográficos, ficcionais, etc. -, ajudou na circulação de ideias e construção das imagens sobre os *outros* lugares.⁹⁶

Assim, sob a égide da objetividade científica, alguns viajantes se investiam de autoridade para transmitir, à sua maneira, o que haviam visto “no resto do mundo”. De acordo com Edward Said, em “Cultura e Imperialismo”, a questão cultural exprime o poder sobre a disseminação destas representações articuladas na antinomia entre “nós” e “eles”. Com a vigência da cultura imperial em autores norte-americanos, identifica-se a construção do espaço doméstico e dos outros lugares. Como veremos,

⁹³ JOSEPH, Gilbert M. “Close encounters. Toward a new cultural history of U.S. –Latin American Relations”, in Gilbert M. Joseph, Catherine Legrand e Ricardo Salvatore (orgs.), *Close encounters of empire. Writing the cultural History of U.S. - Latin American relations*, Durham, Duke University Press, 1998, pp. 3-46.

⁹⁴ PRATT, Mary L. *Os Olhos do Império - Relatos de Viagem e Transculturalização*. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 27. A expedição científica internacional, instrumento de expansão no século XVIII, tornaria-se na metade do século XVIII um catalizador de energias e recursos. Sobre os acervos de museus, norte-americanos competiam principalmente com o Museu Pérgamo na Alemanha, o British Museum (Grã-Bretanha), do Vaticano (Itália), e do Louvre (França).

⁹⁵ PRATT, M.L. *Op. Cit.*, p. 54. Principalmente dois conceitos da autora foram aqui considerados; *zonas de contato*, que são “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação” e *transculturalização*; “apropriação resultante destas interações com a cultura dominante nas localidades”. Considera-se que povos subjugados não podem controlar facilmente aquilo que emana da cultura dominante, mas efetivamente determinam, em graus variáveis, o que absorvem em sua própria cultura e em que a utilizam.

⁹⁶ O relato da expedição de *Lewis & Clarke* pelo interior norte-americano, rumo ao noroeste, buscando o Pacífico, foi um marco entre as viagens amparadas pela racionalidade iluminista.

Page disseminou uma visão preconceituosa da América Latina. Ele falou a partir dos Estados Unidos — mais particularmente do sul dos Estados Unidos — e de um lugar de autoridade, construindo na narrativa o espaço doméstico (os Estados Unidos) e o outro lugar (a região do Prata).⁹⁷

Segundo Ricardo Salvatore, no século XIX, um interesse pelo conhecimento da América do Sul tocava a sociedade norte-americana em geral. A produção de uma série de impressos, inclusive relatos de viagens, com o tempo, conformou uma imagem da América do Sul, incluindo-a na órbita do conhecimento norte-americano. Além disso, um mercado editorial corroborou à produção de imagens desses agentes expedicionários.⁹⁸

Como aponta a historiadora Mary Anne Junqueira, no período, os Estados Unidos “buscavam ganhar um lugar no mundo”. Ampliando influências geopolíticas, lançaram expedições de grande envergadura (oficiais e científicas) com a finalidade de conhecer, mapear e apreender novas possibilidades.⁹⁹ O corpo da U.S. Navy colocou-se presente em lugares estratégicos, determinando esquadras navais para superar as produções cartográficas existentes e competir por novos negócios.¹⁰⁰

Ao total, doze expedições oficiais dos Estados Unidos destinaram-se à América Latina no século XIX. Segundo Mary A. Junqueira, interesses norte-americanos voltaram-se à região até metade do século, exceto durante a disputa da Guerra contra o México (1846-48). Porém, após a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) a possibilidade da abertura de um canal, os esforços geoestratégicos passaram a se concentrar na América Central.¹⁰¹

Ainda que os Estados Unidos tivessem enviado expedições à América do Sul, os principais interesse do país — como países europeus — estavam voltados para o

⁹⁷ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13.

⁹⁸ SALVATORE, Ricardo. *The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire*. In LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

⁹⁹ JUNQUEIRA, Mary A. *Op. Cit.*, pp. 120-138.

¹⁰⁰ SCHROEDER, John H. *Shaping a Maritime Empire – The Commercial and Diplomatic Role of the American Navy (1829-1861)*. Westport: Greenwood Press, 1943, pp. 38-42.

¹⁰¹ JUNQUEIRA, Mary A. “Ciência, técnica e as Expedições da Marinha de Guerra Norte-americana, U.S. Navy, em Direção à América Latina (1838-1901)”. In *Varia História. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História, UFMG*, vol. 23, n. 38, jul/dez 2007. Na primeira metade do século XIX, estabeleceram-se as seguintes esquadras navais com objetivo de garantir a circulação dos navios norte-americanos pelos mares: *Mediterrâneo* (1815), *Índias Ocidentais* (1822), *Pacífico* (1821), *Brasil - ou Atlântico Sul* - (1826), *Índia (Ásia - 1835)*, *Esquadra doméstica* (1841).

Pacífico. Aos norte-americanos interessavam, sobretudo, forçar relações comerciais com a China e o Japão. Page expôs o seu interesse em comandar uma expedição aos países da Ásia, mas acabou por ser indicado para a expedição ao Prata.¹⁰²

Quando o *Water Witch* zarpou dos Estados Unidos, em 1852, a expedição reunia aproximadamente 60 homens, entre sete oficiais, quatro engenheiros, um cirurgião assistente e a tripulação.¹⁰³ Aparentemente, não havia corpo científico (como naturalistas, por exemplo), pois os espécimes recolhidos seriam enviados para análise ao *Naval Observatory* e o *Smithsonian Institution*, ambos em Washington.¹⁰⁴

Como em outras viagens da época, as funções do comandante eram amplas. Além das sondagens científicas voltadas à cartografia naval, Page deveria persuadir a renegociação de um tratado de comércio e navegação com o Paraguai, que vinha perdendo vigor. Com poderes diplomáticos para agir com cônsules em exercício na região, aproveitaram a oportunidade de navegação oferecida na Argentina, pelos partidários da Conferência Argentina, representados pela figura de Justo José de Urquiza, que depois tornaria-se um homem próximo de Thomas Jefferson Page.

Entre tantas expectativas, os objetivos de Page não eram simples. No cenário político local, Estados nacionais lutavam para se organizar, apresentando disputas locais diversas. Além disso, havia na região uma intensa competição estrangeira, e tais disputas muitas vezes acabaram em conflito. No caso dos interesses dos Estados Unidos na região, um impasse do presidente paraguaio sustentando a proibição da navegação dos rios em seu território, e o episódio no qual se disparou tiros de canhão que avariaram o *Water Wich*, em 1855, acabaram por irritar Page, que não concordava com a negativa paraguaia.

Note-se que os governos, dependendo do caso em questão, podiam defender a abertura ou o fechamento dos rios à navegação. Com efeito, a diplomacia brasileira se

¹⁰² SCHROEDER, J.H. *Shaping a Maritime Empire – The Commercial and Diplomatic Role of the American Navy (1829-1861)*. Westport: Greenwood Press, 1943, p. 67. Page almejava comandar a viagem pelo *Yang-Tsé*, rio que dava acesso ao rico interior da China. Mas o Secretário da Marinha nomeou para essa investida o oficial Cadwallader Ringgold. Page ressentiu-se ao ser preterido, porém aceitou rapidamente liderar a viagem pela bacia do *Prata*.

¹⁰³ SCHROEDER, J.H. *Op. Cit.*, p. 112. Os sub-oficiais mais mencionados por Page são; os tenentes Powell, Ammen e Murdach. Este último costumava liderar expedições por terra.

¹⁰⁴ De acordo com o *Smithsonian Institution*, o botânico Edward Palmer acompanhou a expedição, embora tenha se afastado dos trabalhos, em 1855, por malária. Page não menciona Palmer no relato de viagem. Segundo o *website* da instituição, Palmer descobriu a baunilha (*Bauhinia glabra*), no Brasil. Ver em: http://www.botany.si.edu/colls/expeditions/expedition_page.cfm?ExpedName=9

posicionou contra a navegação de estrangeiros no Amazonas. Mas, por outro lado, defendeu a abertura de partes da bacia do *Prata* à livre navegação.

2. O lugar de enunciação do autor: a “aristocracia sulista”.

Veremos que as visões de Page sobre a América do Sul carregam subjetividade e expectativas. Seguramente, a expedição cumpria objetivos científicos. Mas, mesmo estes, regiam-se por inclinações políticas e comerciais. O comandante Page buscava sobretudo, comprovar a teoria oceanográfica desenvolvida Matthew Fontaine Maury – influente cientista e político-, que foi Superintendente do Observatório Naval, entre 1844-61, o período de administração sulista da U.S. Navy. Segundo sua teoria, a América do Norte e do Sul estavam naturalmente vinculadas, já que eram envolvidas pelas mesmas correntes de vento e marítimas.¹⁰⁵

Page representava uma elite preocupada com o antagonismo do norte industrializado do país. A década de 1850, nos Estados Unidos, foi marcada pelo acirramento entre norte e sul que desaguiaria na Guerra Civil mencionada. Ainda assim, o grupo de Page, os sulistas, controlavam a U.S. Navy.¹⁰⁶ Portanto, sua origem social infere também em seu *lugar de enunciação*. Herdeiro de famílias tradicionais do estado da Virginia, Page considerava-se entre o meio dos “aristocratas sulistas”; isto é, homens das *plantations*.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Enquanto Chefe do Departamento de Cartografia e Instrumentos, Maury criou o “Mapa das Correntes e Ventos do Atlântico Norte” (1853) que permanece como referência para a navegação atualmente. Entretanto, propôs também teorias polêmicas, como em “Geografia Física dos Mares e sua Meteorologia” (1855), cuja teoria procurava demonstrar que alguns continentes – como as Américas - poderiam ser contíguos em razão de correntes e ventos.

¹⁰⁶ Consultar o artigo de dissertação relacionado; MOREIRA, Marília A.S., *Expectativas e impasses dos sulistas norte-americanos no Estuário do Prata: a questão da navegação dos rios e a viagem do comandante da U.S. Navy - Thomas Jefferson Page (1853 – 1860)*, O relato de viagem estudado demonstra alguns dos objetivos declaradamente (explícitos) enquanto outros, mais amplos, são velados na narrativa. Conclui-se que diretrizes da viagem apoiaram-se mais em intuits estratégicos e comerciais.

¹⁰⁷ GLENN, Thomas Allen. *Some Colonial Mansions and Those Who Lived in Them*. Philadelphia: Henry T. Coates & Co., 1899, pp. 195-198, 200. T.J. Page nasceu em 1808, entre pioneiros colonizadores de Gloucester County, na Virginia. Seu avô Nelson Page, advogado, serviu o Congresso norte-americano, foi o 13º governador da Virginia e signatário da Constituição dos Estados Unidos. Era amigo íntimo de Thomas Jefferson (presidente dos Estados Unidos, entre 1801-1809) que frequentava a sede *Rosewell Plantation*, propriedade da família. Já seu avô materno, Thomas Nelson Jr., sucedeu Thomas Jefferson como governador, em 1781, foi um dos signatários do Ato de Independência dos Estados Unidos.

Thomas Jefferson Page (Imagem: The Buenos Aires Herald, 2003)

Inserido no alto escalão da U.S. Navy por sua linhagem, Page foi um *protégé* de Matthew Fontaine Maury. Frequentou a escola naval de Gosport (Norfolk-Virginia), no auge da administração sulista. Teve seu primeiro treinamento intensivo nas Antilhas, depois se iniciou à exploração hidrográfica na costa de Nova York. Ele serviu nas Esquadras do Mediterrâneo e do Brasil, logo foi indicado ao Centro de Astronomia do Observatório Naval de Washington, junto a Maury, especializando-se em conhecimento estratégico e mapeamento cartográfico. Em 1848, comandou a corveta *Plymouth* aos mares da China e Japão, em missão de segurança comercial na Esquadra da Índia.¹⁰⁸ Contudo, sabe-se que dificuldades e conflitos com piratas no retorno pelo Cabo Horn, em 1851, influenciaram no descrédito quanto à sua capacidade para comandar uma próxima expedição à Ásia.¹⁰⁹ Page justifica que não comandou a expedição ao Oriente em razão da sua posição na U.S. Navy. Ele era um capitão-tenente e os interesses no Japão e na China demandavam a liderança de um oficial de patente mais alta.

Minha posição sobre o registro Naval era de tenente. Este foi instado como barreira contra a minha nomeação para este importante comando, que foi, de acordo, atribuído a alguém com posto mais alto - um comandante. Fiquei um pouco irritado, como um imaturo, totalmente fora do meu controle, pedi para ser dispensado de ocupar a

¹⁰⁸ Sobre as esquadras norte-americanas, ver; JUNQUEIRA, Mary A. *Op. Cit.*, “*Ciência, técnica e as Expedições da Marinha de Guerra norte-americana, U.S. Navy, em Direção à América Latina (1838-1901)*”. In *Varia História. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História, UFMG*, vol. 23, n. 38, jul/dez 2007.

¹⁰⁹ PONKO JR., V. *Ships, Seas and Scientists – U.S. Naval Exploration and Discovery in the Nineteenth Century*. Annapolis: Naval Institute Press, 1974, p. 129.

posição de segundo em comando, oferecida a mim pelo Secretário. Mas ao fazer isso, eu demonstrei a eles meu poder de ação em originar e proceder tal medida. (...) Poucos dias depois, me ofereceram o comando de uma expedição para a exploração e pesquisa do rio da Prata e seus afluentes. No mesmo dia, o correio me trouxe uma outra oferta de serviço, feita por meio da influência de amigos, e muito lisonjeira para mim, pessoal e profissionalmente. Eu aceitei imediatamente.¹¹⁰

O tom que Page se refere à missão ao estuário do *Prata* indica que ela deveria ser relativamente tranquila. Porém, o historiador Oscar Fitzgerald aponta que, desde 1853, os sulistas já vinham lidando com a resistência de López aos negócios norte-americanos na região. Além disso, a missão de resolver um acordo com o Paraguai fica clara entre os objetivos oficiais do comandante.¹¹¹

3. Imagens sobre a América do Sul.

Veremos que Page analisa de forma muito negativa o Paraguai de López, que proibia a navegação dos rios, atingindo os interesses norte-americanos e avaliava de forma positiva o argentino Urquiza, que defendia a livre navegação em seu território. No texto, Page se coloca como aquele que está ao lado da razão e do bom senso. Determinado a convencer o leitor, ele justifica o uso da racionalidade na resolução de impasses. Neste sentido, governos autoritários e disputas locais viciais significavam a falta do uso da racionalidade e da civilidade. É importante notar que as críticas ou elogios aos sul-americanos estiveram concentrados nas figuras dos presidentes do Paraguai e da Argentina. Em razão dessa escolha de Page, passo a discorrer sobre como o comandante norte-americano forneceu imagens sobre os latino-americanos jogando sombras sobre um e luzes sobre o outro.

¹¹⁰ PAGE, T.J. *La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay. Being a narrative of the exploration of the tributaries of the river La Plata and adjacent countries during the years 1853, '54, '55 and '56, under the orders of the United States Government & Farther Explorations in La Plata - Made in the years 1859 and 1860, under the orders of the United States Government*. Biblioteca do Congresso norte-americano, Washington, DC. Washington: Harper and Brothers, 1871, Introdução XX. As traduções foram feitas pela autora. Cf.: http://archive.org/stream/cu31924021079565/cu31924021079565_djvu.txt (Acessado em 02/09/2013)

¹¹¹ FITZGERALD, O.P. *Profit and Adventure in Paraguay in America Spreads Her Sails*, org. BARROW Jr, Clayton R., Naval Institute Press, Annapolis, Maryland, 1973, p. 70-79. O autor aponta um trato entre o sulista E. Hopkins e C.A. López; se formalizasse o reconhecimento da independência do Paraguai com a Confederação Argentina, cumpriria-se como contrapartida: garantia de 15 anos de monopólio de exploração da navegação do rio *Paraguay* e na indústria de tabaco, tijolos, madeira e têxtil, pela *The United States and Paraguay Navigation Company*, companhia fundada em 1852, com capital inicial de investidores de Long Island, nos Estados Unidos, além dos investimentos internacionais. John Pendleton, *Chargé d’Affaires* norte-americano em Buenos Aires, ratificou o acordo em 1853.

4.1 As sombras do presidente paraguaio Carlos Antonio López.

No relato de Page, enquanto os Estados Unidos estavam no caminho do progresso, amparados pela racionalidade política, pela ordem e pela lei, países como o Paraguai permaneciam em estágio atrasado, sob o domínio despótico de homens que concentravam em suas mãos um poder abusivo. No trecho selecionado abaixo, ele relata o primeiro encontro com Carlos Antonio López, no qual procurava negociar a navegação para além dos limites impostos pelo presidente.

Argumentei o caráter de nossa expedição, seus objetivos manifestos, que não deveriam ser considerados em conexão com outros de caráter especulativo ou apenas comerciais. Sugeri o possível valor de seus resultados para a ciência, pois eu sabia que sua inteligência permitia-lhe totalmente compreender que, ao dar ao mundo um conhecimento sobre águas "tão pouco conhecidas", nossas explorações iriam conferir um benefício positivo e imediato aos seu próprio país e aos vizinhos, enquanto o povo dos Estados Unidos, e outros com uma distância maior, só poderiam estar remota ou incidentalmente interessados.¹¹²

Note-se que, numa inversão completa de valores, o autor argumenta que a expedição seria mais interessante para os próprios paraguaios do que propriamente para os Estados Unidos. Como López não cedia à pressão de Page, ele acaba por completar que a inteligência do presidente era limitada e incapaz de compreender o alcance da expedição que comandava.

A resistência de López (perante insistência norte-americana) representou a aniquilação das expectativas, tanto em se reestabeler o tratado com o Paraguai, como em comprovar uma possível interconexão entre a bacia do *Prata* e a do *Amazonas*.¹¹³ Como se sabe, o Paraguai isolou-se de conflitos platinos pós-independência, sob governo de José Gaspar Rodríguez de Francia, que manteve controle sobre a vida econômica (produção, circulação e distribuição), incluindo o domínio de extensas terras públicas. De certa forma, López deu continuidade à política precedente - embora tenha buscado inserção regional e internacional por iniciativas comerciais - manteve o monopólio estatal junto a empresas privadas. A Confederação Argentina reconheceu a independência do país em 1852.¹¹⁴

¹¹² PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 205.

¹¹³ O episódio interrompeu a prospecção do rio *Paraguay* e adjacentes, como o *Pilcomayo* e o *Vermelho*, e a lagoa de *Otuquis*, todos com chance de navegabilidade à Bolívia e ao Peru.

¹¹⁴ MEDRANO, Lilia, MEDRANO, Lilia I. Z. de. *A Livre Navegação dos Rios Paraná e Uruguai: uma Análise do Comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889)*.

A Catedral de Assunción.¹¹⁵

Nota-se que López era sobrinho de Francia, mas isso não o favoreceu, pelo contrário; eles não se davam. Tampouco ele seguiu à risca a política anterior; no período da expedição, López investia na expansão econômica à sua maneira, ainda que fosse relativamente protecionista.

Mesmo assim, Page se ocupou em produzir argumentos convincentes contra López no relato que influenciou a diplomacia norte-americana a aprovar uma intervenção contra o Paraguai em decorrência de um bombardeio ao navio *Water Witch*, em 1855. Para tanto, em sua narrativa, ele o retratou como “um ditador”, refutando suas atitudes, em troca propondo a constituição liberal norte-americana e a vigência da *Lei das Nações* sobre a livre navegação dos rios.¹¹⁶

Conseqüentemente, durante o governo do sulista James Buchanan, em 1858, o Congresso norte-americano aprovou uma intervenção considerável visando dar continuidade aos trabalhos na região. O historiador Vincent Ponko Jr. descreve a

São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1989, p. 20.

¹¹⁵ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 124. Page relata que, no subsolo da Catedral de *Assunción*, guardavam-se os restos mortais do ex-presidente Francia, mas estes haviam sido recentemente roubados. Assim, ele comenta: “Dizem por aí que o diabo ansiava por ele, de corpo e alma”.

¹¹⁶ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 111. Solano López, o filho de Carlos Antonio López, também era alvo de Page. Principalmente, porque foi Chefe de Exército, depois vice-presidente do Paraguai e articulador das relações internacionais, especialmente em temas da navegação. No relato, Page menciona que ele estivesse em uma missão diplomática à Europa, também dá a entender, em meio à análise das próximas eleições no país, que segundo reformas na constituição pretendiam facilitar que o cargo de presidente fosse transferido hereditariamente.

participação:

Com dinheiro liberado pelo Congresso, sob autorização do presidente, o Departamento da Marinha enviou uma frota de 19 navios sob comando do oficial de bandeira William B. Shubrick para levar James B. Bowlin, oficial encarregado pelos Estados Unidos para enfrentar o Presidente Carlos Antonio López. A frota incluía o *Water Witch*, levava 2.500 homens e 200 canhões. A Page foi dado o comando da fragata *Salinas*, com o status de capitão de frota. A expedição saiu de Nova York, em outubro de 1858.¹¹⁷

A esquadra reuniu navios de diversas estações norte-americanas, para exigir reparação ao *Water Witch* e desculpas formais do governo paraguaio pelos danos causados no incidente. Sob ameaça de uso da força recuperaram o prejuízo e restituiram o Tratado de 1853, com todos os benefícios comerciais que haviam sido suspensos. Nota-se que Page decaiu na hierarquia da ofensiva e, embora ele tenha participado da intervenção, a menciona brevemente na narrativa.¹¹⁸

Desta forma, no relato, Page buscava dissolver o poder de López e justificar uma missão civilizatória no país. Tal perspectiva de atraso e incapacidade política relativa ao Paraguai, legitimou ações, como a intervenção oficial, fundamentada pela visão negativa do “ditador” López e dos paraguaios. Sobre a expulsão de estrangeiros que vinham explorando negócios no Paraguai, inclusive norte-americanos, e o ataque ao *Water Wich*, Page escreveu:

Não houve danos pessoais à senhora ou ao cavalheiro, mas o insulto devia ser considerado, e justamente feito um assunto de queixa. Em outros países, "poderia ter sido resolvido sem ser um assunto de governo, mas aqui o Presidente, como eu já disse muitas vezes antes, então, é a lei, o judiciário, e, *de facto*, a cabeça de todas as coisas. (...) O Presidente Lopez levou exceção para o idioma em que a denúncia foi feita. A guerra de papel seguiu; discriminação seguido recriminação. O exequatur consular foi revogado, e a ira do magistrado estendeu-se aos membros da *American Company*, da qual o Sr. Hopkins era agente. Eles tinham sido autorizados a ocupar o quartel de San Antonio, tinham melhorado estruturas, adquirido algumas terras

¹¹⁷ PONKO JR., V. p. 129.

¹¹⁸ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 645. No começo (segundo capítulo) da segunda etapa da narrativa da viagem, o autor menciona brevemente a intervenção aprovada, em 1857, “para a exploração dos adjacentes ao rio da Prata”. Simplesmente, ele coloca que embora não estivesse envolvido diretamente na ida de tal esquadra, em “circunstâncias preliminares”, não tinha como não mencioná-la, pois estavam materialmente conectadas. Assim, explica que o oficial William B. Shubrick havia estado no local “para reforçar certas demandas ao Paraguai”, abrindo caminho para a continuidade da expedição, na qual ele assumiria o comando nos navios *Argentina* e *Alpha*. Contudo, como mencionado acima, o historiador naval, Vincent Ponko Jr., aponta que Page foi nomeado capitão de frota da fragata *Salinas* na intervenção. (PONKO JR., V., *Op. Cit.*, p. 129.)

adjacentes, erigido uma serraria, e estabeleceram uma fábrica de charutos. Agora, foram forçados a abandonar o quartel. A controvérsia foi esquentando, cada vez mais. Decretos ou bandos pretendendo constranger suas operações foram emitidos e, finalmente, a fábrica de charutos foi fechada, assim, praticamente encerrando os negócios da empresa no Paraguai. **Eu posso mencionar alguns dos bandos, que, embora sejam aplicados a todos os estrangeiros, estavam naquele momento sendo emitidos para constrangerem especialmente os (norte) americanos.**¹¹⁹

Nota-se que, como um bom “aristocrata sulista”, Thomas Jefferson Page sentiu-se pessoalmente insultado com a atitude do Presidente do Paraguai. A seu ver, a concentração de poder na figura de López definitivamente condenava o Paraguai ao atraso e à insignificância.

Retrato do presidente do Paraguai, Carlos Antonio López.¹²⁰

Sobre o retrato de López, Page antecipa; “A gravura por si só dará ao leitor uma impressão vívida do que ele é.” López aparece gordo, inchado, tem o semblante fechado. É um símbolo dos excessos e da falta de comedimento. No jantar oferecido na residência oficial, Page o descreve ridiculamente; ele usa um chapéu de castor, com laço dourado e penas de pavão. Sem etiqueta, ele não o tirou para sentar-se à mesa com os demais. Aliás, Page pontua que López se sentava em uma cadeira de

¹¹⁹ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 271.

¹²⁰ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 117. O relato de Page, publicado pela Editora Harpers and Brothers, em 1871, em serviço à Secretaria da U.S.Navy, reúne uma ampla lista de 46 imagens acerca da “aventura” narrada em *La Plata*. Possivelmente, os desenhos foram feitos nos Estados Unidos, segundo descrições do autor.

patamar superior. Ele salienta;

Pelo que eu saiba, o poder López é sustentado criminosamente. Não há oposição a sua autoridade. A Constituição, feita por Francia, é interpretada; o judiciário, eleições e congressos são da mesma forma controlados pelo presidente que governa com uma autoridade inquestionada como se ele fosse o Ditador supremo.¹²¹

Para Page, o governo era exercido despoticamente, sendo que a constituição nacional era de pouca validade, já que era interpretada ao prazer dos interessados. Segundo o autor, os paraguaios pouco entendiam “o mínimo das liberdades individuais”.

Dê aos paraguaios esteiras, carne bovina e mandioca, e eles estarão satisfeitos. Suas florestas produzem necessidades primárias, pastagens nativas apoiam o seu gado. Calados, em primeiro lugar pela política de Espanha e, novamente, pela tirania de Francia, privados de qualquer comunicação com outras terras, eles não conhecem nem desejam luxos. O clima é delirantemente ameno, e com os festivais da Igreja e uma ocasional "dança", quebram a monotonia da existência - a sonham, imaginando que o verdadeiro e único *Elysium* é o Paraguai.¹²²

Cena de *gauchos* paraguaios fazendo “uso de bolas e laços”.¹²³

¹²¹ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 116.

¹²² PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 221.

¹²³ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 112. A imagem retrata “típicos” *gauchos* paraguaios laçando um bezerro da forma tradicional. Segundo Page, “em um incrivelmente curto período de tempo o

A solução para pessoas que ficavam satisfeitas simplesmente com esteiras, carne e mandioca e não percebiam as potencialidades da terra em que viviam era um governo liberal, que pudesse lançar luzes sobre a política, os negócios e a educação do povo. Segundo Page, faltava ao Paraguai um “Destino Manifesto”.

Como é de se esperar em um sistema desse tipo, as pessoas tentam fugir da lei pelos jeitos mais cômicos e engenhosos. Por exemplo, eles plantam nove fileiras de mandioca e declaram *ser impossível plantar uma décima*. Se o governo levasse a cabo uma política mais esclarecida, vendesse as terras públicas, reduzisse impostos de exportação, abolisse o dízimo, monopólios de madeira, *yerba*, borracha, etc., os empreendimentos dos paraguaios seriam despertados por estímulo do comércio, e a receita pública provavelmente excederia bastante seu valor atual. Deve haver, até mesmo para o Paraguai, um “destino manifesto”. López tem capacidade, só lhe falta a vontade [*will*] de imitar Urquiza, e colocar a bola em movimento [começar o jogo].¹²⁴

A utilização desse termo está relacionada à conquista territorial nos Estados Unidos, quando defensores da expansão propuseram que era destino manifesto do país se expandir. Tal proposição justificou a Guerra contra o México (1846-1848), quando o país latino-americano perdeu metade do seu território. Além disso, tal prática legitimou outras anexações como a região do Oregon ao norte da Califórnia. Ela alimentou também o genocídio indígena ou o confinamento de grupos nativos em reservas, em geral, longe de seu local de origem.

4.2 As luzes do presidente da Confederação Argentina: Justo José de Urquiza.

Enquanto Page desacreditava completamente o presidente paraguaio Carlos Antonio López, ele mostrava que havia esperança para a região graças à presença de Justo José de Urquiza como presidente da Confederação Argentina que, como mencionado, defendia a livre navegação dos rios.¹²⁵ Page considerava que Francia

animal seriam massacrado e servido à mesa da tripulação.”

¹²⁴ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 235. A palavra *will*, em inglês, conota predestinação.

¹²⁵ BEIRED, José Luis. *Breve História da Argentina*, p. 25. “Entre 1838-1840, a Confederação sofreu um bloqueio naval imposto pela França, que ocupou o porto de Buenos Aires e a entrada do rio da Prata. Com o apoio do Uruguai, a França objetivava derrubar Rosas e obter maior influência econômica e política na região do Prata. Com habilidade, Rosas negociou a suspensão do bloqueio e fortaleceu-se politicamente. Em 1845, Rosas proibiu o acesso de navios estrangeiros ao rio Uruguai e Paraná. A resposta externa não tardou. França e Inglaterra impuseram um segundo bloqueio aos portos da Confederação. O governo de Buenos Aires conseguiu sua suspensão definitiva em 1850”.

havia deixado as suas marcas entre os paraguaios: eles tinham perdido força e vitalidade política. Ao mesmo tempo, ele pontuava que “o país do marasmo” jamais tivera um governo ilustrado. O resultado, como não podia deixar de ser, se refletia no comércio do país. Assim, Page retrata as “características nacionais” do Paraguai;

Não há nenhuma restrição ao consumo doméstico, mas o comerciante que desejar exportar este "chá" deve adquiri-lo do Estado. Os governantes deste belo país têm muitas lições valiosas para adquirir em ciência política e financeira. Ao abrirem suas águas às bandeiras estrangeiras e encorajarem a indústria doméstica, mesmo pela coleta de produtos indígenas sem aplicação da agricultura, a receita de direitos de importação e de exportação poderia ser muito superior à de qualquer monopólio como agora é usurpado. Sob o sistema atual, há uma estagnação de todo o comércio neste lugar; as pessoas são pobres, e, evidentemente, inertes, mas, como todos os paraguaios, muito hospitaleiros. Nós podemos apenas esperar que o espírito reacionário que se infiltrou na Confederação Argentina, e a ambição iluminada do General Urquiza para elevar seu país, política e socialmente, por meio de uma Constituição liberal, a educação de sua juventude, e do comércio exterior direto, se provará contagiosa, e trabalhará seu curso em direção norte à **República de La Plata**.¹²⁶

Segundo o comandante, Urquiza seria a única esperança para a região, já que estava preocupado em elevar as condições sociais e políticas da Argentina através de uma Constituição liberal.¹²⁷ Para ele, a política, aliada à educação e ao livre comércio poderia contagiar outros países da região e quem sabe, as luzes pudessem alcançar o Paraguai do atrasado López.¹²⁸ Além disso, Page acreditava que o país estava no lugar correto porque: “*Argentines deserve to imitate us.*”¹²⁹ Algumas vezes, o comandante reitera que a Argentina copiava os Estados Unidos. Ele fala sobre a importância da navegação norte-americana na região e o fato de Urquiza espelhar-se no país do Norte:

Enquanto beneficiamos estas repúblicas vizinhas e mais fracas, ao desenvolvermos

¹²⁶ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, pp. 137-138.

¹²⁷ *Archivo General de La Nación*. Em 1853, em correspondência direta a J. J. Urquiza, o aliado norte-americano, cônsul britânico Charles Hotham, de Montevidéu, agradece a o envio de um exemplar da constituição da Confederação Argentina desejando-o boa sorte. Ou seja, o documento atestava o rumo da política internacionalista a que ele se propunha servir por meio da Confederação.

¹²⁸ *Archivo General de La Nación*. Também em 1853, segundo correspondência direta de C.A. López a J.J. Urquiza (que já se encontrava no interior), nota-se que López e J. Urquiza eram bastante próximos. Em uma correspondência direta de López, ele notifica estar acompanhando a situação do bloqueio de Buenos Aires, sabendo das circunstâncias da sua fuga, e que neste momento, havia estado, em Montevidéu no Uruguai, com representantes brasileiros e bolivianos, articulando apoio à Confederação Argentina.

¹²⁹ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 362.

seu sistema hidrográfico, nós estamos abrindo um vasto campo para o comércio de todos os produtos de zonas temperadas e tropicais, e estes, somados aos tesouros minerais da Cordilheira dos Andes, encontrarão um rápido e seguro trânsito fluvial para o Atlântico. Protegido pelas bandeiras das grandes potências marítimas, este excesso de riqueza será derramado no colo das nações [do Norte]. Não buscará o nosso povo uma relação comercial justa com estes Estados de nosso próprio hemisfério? Poderemos colocar os argumentos de Thiers e dos memorialistas alemães a nós mesmos, com igual força. Lá [no Sul] nós não estamos ameaçados pela rivalidade de um povo manufatureiro e nossa bandeira poderá encontrar um extensivo campo de desenvolvimento. Se o governo dos Estados Unidos for fiel ao seus interesses, se desejar valorizar e manter um sentimento de amizade nacional com esses países e, se ele deseja para garantir todos os benefícios que podem surgir a partir de seu comércio - destinado a ser de valor inestimável - deve-se intervir enquanto as "águas estiverem agitadas", mover alianças antes que estas sejam feitas em outro lugar. (...) O elogio mais lisonjeiro foi pago a este governo pelo povo da Confederação Argentina, através dos seus representantes, pelo que poderia ser dado por uma nação sobre outra. Eles adotaram nossa Constituição como modelo deles, em cada particularidade, com poucas ressalvas onde teriam sido totalmente inoperantes. Eles apontam ao nosso progresso como um exemplo para o seu próprio povo; eles copiam e distribuem os escritos de nossos estadistas, desejam nos imitar à medida do possível, e com esta finalidade eles almejam a continuação da paz.¹³⁰

Se Urquiza tinha o propósito de imitar os Estados Unidos, obviamente, Page via Argentina e Estados Unidos em lugares hierárquicos distintos. Enquanto os Estados Unidos ocupavam um alto degrau da escala civilizatória posta por Page — e também por outros ilustrados da época — a Argentina precisava ainda elevar-se. Já o Paraguai era relegado a um patamar mais baixo que os dois primeiros. A comparação entre López e Urquiza repete-se em alguns pontos do relato de viagem de Page. No excerto abaixo, o comandante julga a política de López:

Apesar de ser um homem de habilidades naturais e alguma educação, ele ama o poder e é cauteloso e sem escrúpulos no exercício do mesmo. Ele fala muito da "República", e de seu desejo de melhorar a condição das pessoas, mas precisa da experiência, que deve vir do atrito com governos estrangeiros, a instrução da repreensão ousada e energia altruísta de Urquiza, para tornar-se um governante iluminado. Ele fez algum esforço para criar escolas, pelo menos em *Assunción*, mas essa é uma teoria favorita que ele tem sobre a qual uma transição repentina ou rápida do presente estado primitivo dos paraguaios operaria de forma desfavorável para a harmonia do governo e a paz da República. Ele lhes dá pouco aprendizado, sempre com cautela e devagar.¹³¹

A ideia de que a ilustração varreria para longe os vestígios de um mundo atrasado, pouco civilizado e irracional aparece também na narrativa, quando o autor encontra índios guerreiros na região do Chaco:

¹³⁰ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 448.

¹³¹ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 205.

Chegando à margem, eles fizeram sinais para uma "conversa". O navio estava parado, e alguns de nós desembarcou. Eles provaram ser parte de uma das tribos mais guerreiras, os Angaité, e eram criaturas de aparência nobre, acima da estatura normal, e bem formados: seus dentes eram brancos e regulares; cabelo luxuriante, retos sobre a testa. Olhamos com interesse sobre esses selvagens, já que as tribos guerreiras do Chaco têm sozinhas, em meio à degradação e extirpação das nações da sua raça no continente americano, desafiado, por mais de três séculos, o poder do homem branco. Eles ainda mantêm sua independência selvagem, não em passagens complicadas de montanhas inacessíveis - nem em grandes planícies estéreis, ou entre pântanos exalando morte, onde a ingenuidade ou indústria do homem branco não pudessem obter nenhum retorno lucrativo -, mas ao longo de um vasto domínio de 200.000 milhas quadradas, espalhando-se em florestas nobres de madeiras preciosas, lindas planícies, acessíveis por rios navegáveis e irrigadas por centenas de afluentes, uma terra que, não figurativamente, mas literalmente, emana leite e mel.¹³²

Nessa passagem, vimos o autor quase lamentar a presença de indígenas ainda em terras férteis, onde fluem “leite e mel”. Homens selvagens que não podiam, dada a sua ignorância, usufruir do que tinham em mãos. Não é preciso dizer que a sua comparação, mesmo que implícita, é com os Estados Unidos que, na época, já havia exterminado grande parte dos indígenas e confinado os remanescentes em reservas.

QuickTime™ and a
decompressor
are needed to see this picture.

Aproximação de índios do Chaco, com o navio *Water Witch* ao fundo.¹³³

Quando o *Water Witch* atracou na Argentina, em meados de 1853, o país estava dividido entre o grupo herdeiro dos Unitários, liberais influenciados por ideias europeias e que lutavam por um governo centralizado a partir da cidade de Buenos

¹³² PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 148.

¹³³ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 149.

Aires, e o grupo dos Federalistas, concentração de líderes que lutaram e mantiveram uma Confederação por algumas décadas, sustentando o poder das Províncias sobre o principal porto do país, Buenos Aires.¹³⁴

A porta de entrada ao Prata foi facilitada aos interesses sulistas devido à ascensão política de Justo José de Urquiza, governador anti-rosista de Entre Rios.¹³⁵ líder local que transitava entre liberais e destacava-se pela abertura aos interesses externos. Na grave disputa interna, assim que nomeado Diretor Provisório da Confederação Argentina, pelo Acordo de San Nicolás (1853), Urquiza outorgou a livre navegação dos principais rios do Estuário – o da *Prata*, *Parana* e *Uruguay* - aos países signatários, Estados Unidos, Sardenha, França e Grã-Bretanha.¹³⁶

No primeiro parágrafo do relato de viagem, Page reverencia os efeitos do pacto e a “ilustrada administração” de Urquiza:¹³⁷

(...) Um vasto território foi aberto não somente ao comércio, mas as mais liberais facilidades foram cedidas à imigração. Os resultados, visíveis mesmo neste período, demonstravam a sagacidade de Urquiza e antecipavam a prosperidade a que aquela porção da América do Sul viria adquirir sob sua ilustrada administração.¹³⁸

¹³⁴ O exemplo máximo Federal foi o caudilho Juan Manoel de Rosas, governador da Província de Buenos Aires que exerceu forte poder sobre as demais Províncias e sobre a população e marcou indelevelmente o período da Confederação Argentina. Em fevereiro de 1852, na Batalha de Caseros, os liberais as forças do Império do Brasil, os liberais uruguaios, e mais líderes Federais de Entre Rios e Corrientes - anti-rosistas descontentes com a concentração de poder de Rosas e com o “fechamento” do Prata aos negócios das Províncias – depuseram o caudilho pondo fim a uma era da Confederação Argentina.

¹³⁵ Justo José Urquiza era um caudilho com grande poder em Entre Rios com circulação entre os liberais e estreitos contatos com estrangeiros. Desse modo, deve-se reiterar que sob o título de caudilho houve homens com interesses e posições políticas distintas. Ver: TERNAVASIO, Marcela. *El pensamiento de los federales*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2009. O caudilho não pode ser vista apenas como líder extremamente autoritário que domina a população ingênua. Sobre a relação entre esses líderes locais e os seus seguidores, Ver LA FUENTE. Ariel de. “Gaúchos”, “Motoneiros” y “Motoneiras”, in GOLDMAN, Noemi e SALVATORE, Ricardo (org.) *Caudilhismos Rioplatenses. Nuevas Miradas a un Viejo Problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

¹³⁶ MEDRANO, Lilia Inés Zanotti de. *A Livre-navegação dos Rios Parana e Uruguay: uma Análise do Comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1989, (mimeo). p. 170. França e Grã-Bretanha unificaram entre 1856-57 tal reconhecimento.

¹³⁷ MEDRANO, Lilia., *Op. Cit.*, p. 18. “Urquiza era charqueador, criador de ovelhas, exportador de carne, proprietário de navios, importador de produtos europeus para a Província de Entre Rios, possuía enormes estâncias, reunia riqueza e poder.” Ele tornou-se Presidente da Confederação em 1854, depois de instituída constituição, em 1853 (segundo a autora, inspirada pelo liberal Juan Bautista Alberdi), em Santa Fé.

¹³⁸ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 25.

Contudo, reajustes entre as forças de Unitários e Federalistas fomentaram uma guerra civil até a metade do ano seguinte (1854). Os conflitos separaram a política e economia entre Províncias e a capital (Buenos Aires) por aproximadamente uma década, deixando também um ambiente de hostilidade e insegurança aos estrangeiros que se encontravam em trânsito pelo local.¹³⁹

No momento em que Page adentrou Buenos Aires, em 1853, a cidade encontrava-se sitiada por terra e bloqueada pelo rio.¹⁴⁰ É simbólico que Urquiza tenha sido transferido às pressas para Entre Ríos pelo comandante do *Water Witch*, em uma ação coordenada com a diplomacia francesa e britânica. Page defende nitidamente as atitudes de Urquiza, desde o começo de sua narrativa.¹⁴¹ Contudo, foi preciso retirá-lo às pressas da cidade ameaçada, pois Unitários não queriam aceitar um Federalista no poder. No momento em que Page escrevia, era esperado o bombardeamento da cidade:

Apesar de um bombardeio de Buenos Aires ter sido considerado iminente, parece nunca ter sido a intenção de Urquiza de recorrer a uma medida tão desesperada. Ao interromper o comércio e o corte de abastecimento ele tinha a esperança de trazer as autoridades aos termos.¹⁴²

¹³⁹ *Archivo General de La Nación*. A repercussão e durabilidade situação da Guerra Civil na Argentina não foram fáceis. Em carta endereçada a Justo J. Urquiza, um representante do governo Francês em missão em *La Plata*, em 1855, apela à “Excelência”, o Diretor Provisório da Confederação Argentina, comunicando o assassinado de três basco-franceses (apenas um navegante sobreviveu), na Província de Maldonado, pelos soldados da companhia do capitão Cuelli, provavelmente um *caudilho* da região. O autor espera o fim da guerra civil e pede que “justiça seja feita e que lhe importe logo vir a tranqüilidade e a pacificação do país. Para este autor, estes eram crimes passionais que deveriam ser vistos enquanto “atentados à população estrangeira”.

¹⁴⁰ SCOBIE, James R., *Op. Cit.*, p. 95. Explica Scobie, “se em fevereiro de 1852 Urquiza havia entrado triunfalmente na cidade de Buenos Aires, em 13 de junho de 1853 ele abandonava a cidade sob a escolta dos representantes diplomáticos estrangeiros.”

¹⁴¹ PAGE, T.J., *Op. Cit.*, pp. 35-51. Em 1853, o Congresso da Confederação Argentina concentrava 13 Províncias: Entre Ríos, Corrientes, Santa Fe, Cordoba, Mendoza, Santiago Del Estero, Tucumã, Salta, Jujuy, Catamarca, Rioja, San Luís e San Juan.

¹⁴² PAGE, T.J., *Op. Cit.*, p. 43.

Retrato de Justo José de Urquiza, enquanto “Presidente da Confederação Argentina”.¹⁴³

No retrato, Urquiza tem boa aparência; está elegante e sorridente, é um símbolo de comedimento. Segundo Page, sua autodisciplina provavelmente remete-se aos tempos do serviço militar. Ele comenta a recepção que teve na estância de Urquiza, em Entre Ríos. Como sinal de afetividade e gratidão, Urquiza fez questão de que a comitiva passasse por *Concepción del Uruguay*, vilarejo onde nasceu e passou sua juventude.¹⁴⁴

Fomos logo convocados à presença de Urquiza, uma forte pessoa, bem formada, de estatura média, com olhos finos e penetrantes e franco semblante. Suas maneiras dignas, mas muito corteses me impressionaram de vez, favoravelmente. Se é um "sem educação", ou "mero gaúcho", como me foi dito por muitos, ele tem uma inteligência natural e ousada capacidade que irá capacitá-lo a administrar com habilidade as funções de responsabilidade impostas a ele pelo povo da Confederação Argentina.¹⁴⁵

Note-se que enquanto López era descrito como homem de inteligência limitada, Urquiza, apenas de um mero *gaucho* sem educação como muitos diziam,

¹⁴³ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 41. Nota-se que oscilação do título do cargo político de Urquiza, entre Presidente ou Diretor Provisional da Confederação Argentina, foi motivo de descrédito à legitimidade de suas ações, especialmente, aos tratados internacionais.

¹⁴⁴ Além disso, neste período, correspondências de T.J. Page a Urquiza, após a situação de escolta para o interior, Page pede encarecidamente sua atenção e proximidade com López, para mobilizar a tramitação do acordo com o Paraguai aos Estados Unidos.

¹⁴⁵ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 49.

apresentava uma inteligência natural e grande capacidade administrativa. Sobre suas posses, Page comentou:

Para se ter uma ideia do rendimento que uma estância como a de Urquiza pode formar, afirmo que, nesta de San José havia 70 mil ovelhas, 40 mil cabeças de gado e 2.000 cavalos. (...) Eu não posso imaginar uma vista mais bonita do que os rebanhos desses animais finos circulando sobre as terras ricas de San José. O valor de cada um nos Estados Unidos chegaria a algumas centenas de dólares; aqui poderia ser comprado por dezesseis.¹⁴⁶

É importante notar, novamente, a comparação dos valores das terras nos Estados Unidos e na Argentina. Enquanto no país do norte elas eram valiosas (ou os norte-americanos sabiam valorizar o que tinha realmente valor), no país sul-americano, elas eram depreciadas (ou os argentinos não sabiam o real valor de terras férteis).

SAN JOSÉ, THE ESTANCA OF URQUIZA.

A Estância San José, propriedade de Justo José de Urquiza.¹⁴⁷

Aos poucos a relação entre Page e Urquiza se estreitou. O filho de Page, John, foi com doze anos acompanhá-lo na primeira parte da expedição, com consentimento do Secretário da Marinha dos Estados Unidos. Estudou em internato no Colégio de Assunción, instituído por Urquiza e mantido pela Província de Entre Ríos. Orgulhoso, ele o menciona algumas vezes; observa seu progresso e boa adaptação na escola “com ótima educação britânica”, onde conviveu com herdeiros locais consideráveis. Até na descrição do colégio, Page defende a “ilustração” do aliado; “Esta instituição permanecerá enquanto um nobre monumento graças à visão esclarecida de Urquiza”. Pouco depois, na narrativa, Page comenta que no país não havia colégios protestantes,

¹⁴⁶ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 59.

¹⁴⁷ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 56.

todavia, alertava que “eles não são proibidos”.¹⁴⁸

O Colégio de Concepción, na Província de Santa Fé.¹⁴⁹

Contudo, documentos argentinos apontam que a diplomacia norte-americana manteve, ao mesmo tempo, boas relações com Buenos Aires embora a separação. Especialmente, com Bartolomeu Mitre, então Chefe do Exército, que nesta década, aliciava sua ascensão política. Além disso, articularam facilidades à navegação de cunho científico junto à Marinha Federal, buscando aliviar as inspeções aos navios norte-americanos.¹⁵⁰

Porém, a richa interna intensificou uma tradicional concentração da receita nacional, sobretudo, impostos das alfândegas portenhas.¹⁵¹ Entretanto, no discurso narrativo, Page relata a prosperidade da Confederação.¹⁵² Observa-se seu otimismo quanto ao desenvolvimento das Províncias no trecho indicado;

Pela introdução do vapor, a distância será aniquilada; e embora Buenos Aires possa tornar-se a primeira cidade da América do Sul, com apenas uma parte do comércio de *La Plata*, não pode mais esperar para monopolizar o negócio de um país cuja extensão e recursos são suficientes para comportar o florescer de centenas de cidades

¹⁴⁸ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 104.

¹⁴⁹ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 60. Colégio onde estudou o filho de Page, John, que foi criado no interior da Argentina. Page comenta a proximidade da relação entre seu filho e J. Urquiza.

¹⁵⁰ *Archivo General de La Nación*.

¹⁵¹ KROEBER, Clifton B. *La Navegación de los Rios em La História Argentina (1794-1860)*. Buenos Aires: Paidós, 1967, pp. 161-170. Com a soberania dividida navios oceânicos paravam mais em Buenos Aires pelas vantagens em descarregar, distribuição e comércio. Tecnicamente, em questões de peso e profundidade, o porto de Rosário não oferecia segurança, mesmo no apogeu da produção de grãos.

¹⁵² Os planos sulistas para exploração da navegação na bacia do Prata incluía a construção de ferrovias, na perspectiva de vitalizar o comércio interior atravessando a Bolívia e o Peru, para principalmente escoar a exploração de minérios.

comerciais.¹⁵³

Mas, é importante salientar que Page não era partidário dos Federalistas, ele defendia exclusivamente Urquiza e seus aliados, pois via o homem de Entre Ríos como a salvação do país frente a outros caudilhos que concentravam muito poder como Juan Manuel de Rosas (ao seu ver, um “*Hard man*”). O comandante norte-americano percebia de forma negativa também a população “dominada por caudilhos” e os paraguaios em geral. Entretanto, reitero que, como exposto no excerto acima, se houvesse na região um governo ilustrado, baseado firmemente em uma Constituição, que incentivasse a educação de jovens e o livre comércio, isso contagiaria outras regiões, atingindo consideravelmente as populações. Na concepção de Page, as luzes se impunham de maneira determinante, afastando o atraso e a barbárie.

4.3 A “República Sul-Americana” imaginada por Page.

Diplomatas do Brasil — único Império em meio a repúblicas sul americanas —, interessados em estabelecer vias fluviais à Província do Mato Grosso aprovaram um acordo bilateral (entre Estados Unidos e Brasil), em 1853, permitindo o trânsito do *Water Witch* em trechos com margens no território brasileiro, embora impondo um significativo limite até Corumbá, a 120 milhas de Coimbra.¹⁵⁴

Como vimos, a navegação, em especial do rio *Paraguay*, implicava negociação entre os atores regionais. Page aponta uma excursão da armada do Brasil ao Paraguai, em 1855, indicando a preocupação brasileira na situação do ataque ao *Water Witch*. É possível que esta tenha sido uma ação coordenada entre representantes oficiais do Brasil e dos Estados Unidos. Contudo, no mesmo trecho do relato, Page comenta não compreender como poderia o Brasil impedir a navegação fronteiriça em determinados trechos, considerando-se tão difícil o acesso da costa do país ao interior.¹⁵⁵

¹⁵³ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 73.

¹⁵⁴ CERVO, Amado, BUENO, Clodoaldo, *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009, p. 109. Como define Clodoaldo Bueno, o período entre 1851 e 1864, de “presença brasileira ativa”, respondia à ameaça estrangeira pela integridade do Império, principalmente a presença dos norte-americanos na Amazônia. Na disputa por influência regional, a partir de 1850, a defesa do Brasil pretendeu impor-se aos vizinhos através da Marinha do Brasil.

¹⁵⁵ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 45, p. 285. O envolvimento brasileiro no caso de Page permanece

Mesmo consciente dos limites impostos pelo governo brasileiro à navegação, Page percorreu o rio até depois de Corumbá, desconsiderando os acordos. Nota-se que ao chegar no Forte Coimbra, ele testa as autoridades brasileiras quanto ao cumprimento das ordens. Page declara-se impressionado ao encontrar um oficial com tanta inteligência, educação e correto em seu ofício civil. Mas na sua visão heróica, ele justifica a desobediência em nome do “progresso da expedição”.

Eu deveria ter ficado surpreso ao encontrar aqui um oficial de tamanha inteligência e maneiras polidas se eu não tivesse aprendido que os "comandos" desta rica província fronteiriça são postos de distinção, para com os deveres militares reúnem funções civis elevadas. (...) Eu estava a uma **ligeira** extensão dos "meus limites", que a princípio havia sido estabelecida em Albuquerque. Este oficial estava entusiasmado em desenvolver o progresso de uma exploração tão "frutífera", como afirmou, "com resultados gloriosos, e digna de receber comemoração por uma coluna de mármore do pequeno *Water Witch*", acrescentando que o navio "viveria na memória dos brasileiros." ¹⁵⁶

Seguindo a lógica de Page, é possível constatar que ele não via problemas em forçar os limites impostos por Brasil e Paraguai, uma vez que ele comandava um navio dos Estados Unidos, notadamente um país em grau de civilização mais avançado que os dois países. Por essa razão, ele afirmou (como no excerto acima) sobre a inteligência limitada de Carlos Antonio López, pois era incapaz de conceber que a presença dos navios norte-americanos na região ajudariam sobretudo o Paraguai, e não os Estados Unidos.

Em termos estratégicos, Page avalia a posição do Paraguai, na qual recrimina uma atitude política protecionista da parte de López em relação ao exterior. Nota-se uma abordagem assimétrica na aproximação política do comandante norte-americano que declarava abertamente visionar a formação de um “Império da América do Sul” na região;

(...) Eles não somente querem comandar a fronteira nacional, como poderão revelar o início de um sistema de cercamento, contraindo seu círculo até que apareça um império [dentro do] *in imperio*; [López] não é um "homem insano", que deve, em

questionável, mas ele menciona a operação duas vezes; a primeira, logo na abertura do relato. ¹⁵⁶ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 180. Em algumas situações, Page deixa transparecer que os latino-americanos estivessem “de olho” nos canhões do *Water Witch*. Sobre os oficiais brasileiros em Coimbra, por exemplo, o autor menciona; “O comandante, como bom militar, estava particularmente interessado e examinando nosso pequeno armamento, que consistia em três canhões *Howitzers*. ‘Eles são’, disse ele, ‘peças perfeitas desta classe, seriam esplêndidos para operações de campo nesta posição da fronteira’.”

razão das suas fraquezas, ser posto de lado, mas uma criança fraca, carente da segurança e nutrição de um forte braço protetor. Em suma, o Paraguai será absorvido e incorporado como parte integrante do "Império da América do Sul". De um lado e sozinho está o Presidente López disposto a resolver essa questão; isto é, deixar o território em disputa completamente fora de ocupação pelos demais países.¹⁵⁷

Page defende abertamente que os países da América do Sul em torno da bacia do *Prata* formem uma espécie de Confederação nos moldes constitucionais norte-americanos, conforme defendidos por Urquiza. Assim, o Paraguai poderia ser integrado numa nova ordem, destituindo a influência negativa de López.

Segundo Page, a edificação de uma “República Sul Americana” em moldes liberais - cuja união previa Bolívia, Paraguai, os Estados (autônomos) da Confederação Argentina e de Buenos Aires, em uma comunidade de nações - fortaleceria a região. Para tanto, a solução seria implementar uma República constitucional e laica aos moldes federalistas norte-americanos. De certo modo, no período, as potências mundiais ainda eram regidas por governos monárquicos, portanto a liberdade “mais democrática” que a política norte-americana deixava transparecer seria o novo valor proposto em seu modelo para a região.

(...) Se a Bolívia, o Paraguai, os Estados da Confederação Argentina, e de Buenos Aires, se unissem e formassem, movidos por grandes propósitos, uma comunidade de nações, nem ações de filibusterismo [obstrução forçada] nem exércitos imperiais ou frotas poderiam ser temidos. Sob a assistência [asgis] de uma Constituição liberal, que rejeitaria toda exclusividade intolerante de doutrina político-religiosa, somada às facilidades que o clima e o solo oferecem para novas populações - sobretudo, aos agricultores e artesãos - a superfície desses ermos seria transfigurada em Estados prósperos, como partes de uma República Sul Americana que avançaria a um auge de poder sem precedentes.¹⁵⁸

Note-se que o autor imagina uma Confederação que reuniria as Repúblicas da região, excluindo o Brasil. Pelo excerto exposto acima é possível identificar a arrogante postura de um sulista norte-americano frente aos países da América do Sul, em especial os que se concentram em torno da bacia do *Prata*. Page investia-se de autoridade suficiente para propor uma espécie de Confederação sul americana, para em seguida se desanimar em razão do julgamento de que os homens que encontrava não terem a mesma visão que a dele.

Assim, a desqualificação que Page fez do Paraguai esteve vinculada

¹⁵⁷ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 161.

¹⁵⁸ PAGE, T.J. *Op. Cit.*, p. 121.

diretamente ao fato da proibição imposta pelo Presidente Carlos Antonio López ter atingido os interesses norte-americanos na região. Por outro lado, ele via em Justo José de Urquiza, Presidente da Confederação Argentina, a possibilidade de mudança – e influência norte-americana - na região. Na percepção desse comandante da U.S. Navy, o caudilho de Entre Ríos havia alcançado algum êxito no país pelo fato de mirar-se no exemplo dos Estados Unidos. Para Page — como para outros norte-americanos do seu tempo — as luzes da civilização afugentariam definitivamente o mundo irracional e ainda bárbaro que constava na América do Sul.

Thomas Jefferson Page, como outros norte-americanos que estiveram na América Latina no século XIX expressam de forma explícita a cultura imperial que fez e faz parte dos Estados Unidos. Assim eles se refeririam – e se referem - não apenas aos latino-americanos, mas a outras partes do mundo que consideram inferiores ao universo que construíram desde os primeiros anos do Estado nacional.

Fontes:

PAGE, T.J. *La Plata, the Argentine Confederation and Paraguay. Being a narrative of the exploration of the tributaries of the river La Plata and adjacent countries during the years 1853, '54, '55 and '56, under the orders of the United States Government & Farther Explorations in La Plata - Made in the years 1859 and 1860, under the orders of the United States Government.* Biblioteca do Congresso norte-americano, Washington, DC. Washington: Harper and Brothers, 1871. Cf. http://archive.org/stream/cu31924021079565/cu31924021079565_djvu.txt (Acessado em 02/09/2013)

PAGE, T.J. *Report of the Exploration and Survey of the River La Plata and Tributaries by Thomas J. Page, Commanding the United States Steamer Water Witch to the Secretary of Navy.* Washington: Connerlius Wendell Printing, 1856. Biblioteca da Universidade de Columbia, N.Y, Estados Unidos. Cf. <http://goo.gl/UxMf2f> (Acessado em 02/09/2013).

PAGE, T.J. “La Plata, the Argentine Confederation, and Paraguay”, in *North American Review, Harpers magazine*, Volume 0088 Issue 183 (Abril de 1859), pp. 430-443. Biblioteca da Universidade de Cornell, Estados Unidos.

Archivo General de La Nación – Museo Histórico Nacional, Buenos Aires, Argentina. Índice Temático General; Correspondencias Navales (Estados Unidos)
MARINA Años 1851-1859, Capitanía del Puerto – Copiador de Cartas
Tomo 10.36.10.22 (Folhas numeradas)

Archivo General Justo Jose de Urquiza – Buenos Aires, Argentina.
De 1853 a 1859; de TOMO 146 a TOMO 163. (Folhas numeradas)

AFRICAN American Newspapers, *THE NATIONAL ERA*, *Opening of the Rivers Amazon and La Plata*; March 31, 1853; Washington, D.C. Butler Library, Columbia University.

BOURNE, John. *Indian River Navigation A report to the comitee of gentlemen formed for the establishment of improved steam Navigation upon the Rivers of Índia India*; W. H. Allen & Company: Londres, 1849. Butler Library, Columbia University.

DALENCE, Jose Maria. *Bosquejo estadístico de Bolivia*. Chuquisaca, Ymprenta de Sucre, 1851. Butler Library, Columbia University.

GUZMÁN, Santiago Vaca. *Intereses comerciales entre Bolivia y el Plata El Pilcomayo, por Santiago V. Guzman. Obra escrita por Comisión especial de s.e.el señor ex-ministro del interior de la República Argentina, dr. D. Saturnino M. Laspiur (1847-1896)*. Buenos Aires, Impr. de P. E. Coni, 1880. Butler Library, Columbia University.

HERNDON, William L. *Exploration of the valley of the Amazon : made under the direction of the Navy Department*. Volume 1. Washington, 1854. 439pp. 3 vols. *Sabin Americana*. Gale, Cengage Learning. Columbia University, 2012. Cf. <http://goo.gl/xynDEh> ((Acessado em 02/09/2013)).

INGERSOLL, Mr. *Report of the Memorial of Lieutenant Maury: In Behalf of the Memphis Convention in Favor of the Free Navigation of the Amazon River to the Comitee of foreig Affairs*, Ed 22 Miscellaneous (U.S. House of Representatives, 33rd Congress, Report N 95, Washington) 1854. Butler Library, Columbia University.

MUÑOZ, Juan Ramón. *Apuntes cronológicos de la campaña emprendida sobre el sud por el ejercito libertador al mando de S.E. el Jeneral Ysidoro Belzú. Lo escribió el Oficial Mayor de Guerra J.R.M.* La Paz - Bolivia; Impr. de Beeche, 1848. Butler Library, Columbia University.

WORLD AFFAIRS, “A Court of Nations” In *The Advocate of Peace*. Boston: American Peace Society, janeiro e fevereiro de 1859, pp. 8-10. Cf. <http://goo.gl/foISP7> (Acessado em 02/09/2013).

Referências Bibliográficas:

BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BENTON, Lauren. *Law and Colonial Cultures*. Cambridge University Press: NY; 2001.

_____. *Geography and Empire*.

BORM, Jan. *Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writting and Terminology*. In: HOOPER, Glen and Youngs, Tim. *Perspectives on Travel Writing*. Londres:

Ashgate, 2004.

BURNETT, D. Graham. *Hidrographic discipline among the Navigators: charting and empires of Commerce and Science in the Nineteenth century Pacific*, in Akemas, James, *The Imperial Map : Cartography and the Mastery of Empire*, University of Chicago Press, 2009, p. 185-257.

CERVO, Amado, BUENO, Clodoaldo. *Política Externa Brasileira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2009.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Cidades, Províncias, Estados: Origens da Nação Argentina (1800-1846)*. São Paulo: Hucitec, 2009.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUROSELLE, Jean Baptiste. *Todo Império Perecerá. Teoria das Relações Internacionais*. Brasília: UNB, 1998.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a Consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006.

FITZGERALD, Oscar P. *Profit and Adventure in Paraguay in America Spreads Her Sails*, org. BARROW Jr, Clayton R., Naval Institute Press, Annapolis, Maryland, 1973, p. 70-79.

GERDING, Eduardo C. “The Confederate Navy and the Argentine Hydrographic survey: Time of the Spar Torpedo”, in *The Buenos Aires Herald*, Domingo, 14 de dezembro, 2003 – Focus – 8. Cf. <http://www.civilwarhome.com/argentinehydrosurvey.htm> (Acessado em 02/09/2013).

GLENN, Thomas Allen. *Some Colonial Mansions and Those Who Lived in Them*. Philadelphia: Henry T. Coates & Co., 1899.

HILL, Lawrence F. *Diplomatic Relations Between the United States and Brazil*. Durham: Duke University Press, 1932.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era do Capital (1848-1875)*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JOSEPH, Gilbert M., “Close encounters. Toward a new cultural history of U.S. –Latin American Relations”, in Gilbert M. Joseph, Catherine Legrand e Ricardo Salvatore (orgs.), *Close encounters of empire. Writing the cultural History of U. S.-Latin American relations*, Durham, Duke University Press, 1998, p. 3-46.

JUNQUEIRA, Mary A. “Ciência, técnica e as Expedições da Marinha de Guerra Norte-americana, U.S. Navy, em Direção à América Latina (1838-1901)”. In *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História, UFMG, vol. 23, n. 38, jul/dez 2007.

_____. *Ao Sul do Rio Grande – Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

_____. *Charles Wilkes, a U.S. Exploring Expedition e a Busca dos Estados Unidos da América por um Lugar no Mundo (1838-1842)*. In *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, 2008, pp. 120-138.

_____. *Os objetivos da circunavegação da U.S. Exploring Expedition (1838-1842): longitude, mapeamento náutico e instituição das coordenadas geográficas modernas*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, pp. 27-48.

KROEBER, C. B. *La Navegación de los Rios em La História Argentina (1794-1860)*. Buenos Aires: Paidós, 1967.

LA FUENTE. Ariel de. “Gaúchos”, “Motoneros” y “Motoneras”, in GOLDMAN, Noemi e SALVATORE, Ricardo (org.) *Caudilhismos Rioplatenses. Nuevas Miradas a un Viejo Problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

LYNCH, John. *As Repúblicas do Prata, da Independência à Guerra do Paraguai*. In: Leslie Bethell (org.). *História da América Latina, Volume III: da Independência até 1870*. São Paulo – Brasília: Edusp-Funag, 2001.

LUZ, Nícia. *A Amazônia para os Negros Americanos*. Editora Saga, Rio de Janeiro, 1968.

MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria: Imaginação Geográfica e Política Externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

MEDRANO, Lilia I. Z. de. *A Livre navegação dos Rios Paraná e Uruguai: uma Análise do Comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1989.

MIROW, M.C. *A History of private Law and institutions in Spanish America*, Texas University Press, 2004.

_____. *U.S. “The Power of codification in Latin America: Simon Bolívar and the Code Napoleon” Tulane Journal of International and Comparative Law*, 2000.

MONIZ BANDEIRA, L. A. *O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai – da Colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 3ª Ed. Rio de Janeiro/ Brasília: Revan- EdUnb, 1998.

PALM, Paulo Roberto. *A Abertura do Rio Amazonas à Navegação Internacional e o Parlamento Brasileiro*. - Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. FFLCH-USO – dissertação de Mestrado em História Social, 2005, (mimeo).

PLATT, D. C. M. *Latin America and British Trade (1806–1914)*. Londres: Adam & Charles Black, 1972.

PONKO, Vincent Jr. *Ships, Seas and Scientists – U.S. Naval Exploration and*

- Discovery in the Nineteenth Century*. Annapolis: Naval Institute Press, 1974.
- PRADO, Maria Lúcia C. *América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 1999.
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império – Relatos de Viagem e Transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- RICERCHIA, Ricardo. *Viajeros: Ilustrados y Românticos en La Imaginación Nacional*. 1ª Ed. Buenos Aires: Troquel, 2005.
- ROMANACH, Alfredo B., ROQUE, Julio Rafael Contreras. *El Paraguay en 1857. Un Viaje Inédito de Aimé Bonpland*. Assunción: Servilibro, 2006.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SALVATORE, Ricardo D. *The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire*. In LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations*. Durham: Duke University Press, 1998.
- _____. *Imágenes de un Império. Estados Unidos y las Formas de Representación de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 2006.
- SAMPAIO, Maria Clara S. *Fronteiras Negras ao Sul. A Proposta dos Estados Unidos de Colonizar a Amazônia Brasileira com Afro-descendentes Norte-americanos na Década de 1860*. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009.
- SANTOS, Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o Interamericanismo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. *Relações Internacionais Dois Séculos de História*. Rio de Janeiro: FUNAG, 2001.
- SCHEINA, Robert. "Water Witch Incident." *Encyclopedia of Latin American History and Culture*. Ed. Jay Kinsbruner and Erick D. Langer. 2nd ed. Vol. 6. Detroit: Charles Scribner's Sons, 2008. 425. *Gale Virtual Reference Library*. Web. 2 May 2012.
- SCHIMITT, Carl. *El Nomos de La Tierra*. (1ª Ed. 1950).
- SCOBIE, James R. *La Lucha por la Consolidación de la Nacionalidad Argentina (1852-1862)*. Buenos Aires: Librería Hachete, 1964.
- SLAUGHTER, Anne Marie. *The Impact of International Law on International Cooperation: Theoretical Perspectives*. Edited by Eyal Benvenisti and Moshe Hirsch. New York: Cambridge University Press, 2004.
- SPROUT, Harold & Margaret. *The Rise of American Naval Power (1776-1918)*. Annapolis: Naval Institute Press, 1966.
- SCHROEDER, John H. *Shaping a Maritime Empire – The Commercial and*

Diplomatic Role of the American Navy (1829-1861). Westport: Greenwood Press, 1943.

SHUMWAY, Nicolas. *La Invención de la Argentina. Historia de una Idea*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1993.

TERNAVASIO, Marcela. *El pensamiento de los Federales*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A Viagem e Seu Relato*. In *Revista de Letras da UNESP*. São Paulo: vol. 46, n.1, 2006.

_____. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

WATSON, Adam. *A Evolução da Sociedade Internacional: Uma análise Histórica Comparativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WHEATON, Henry, PHILIPSSON, Coleman, *Elements of International Law*, pp. 197-288. Google Books; Cf.: <http://goo.gl/dNUOs2> (Acessado em 02/09/2013).

_____. WHEATON, H. *History of the Law of Nations in Europe and America: From the Earliest Times to the Treaty of Washington, 1842*. “Modern Law of Nations” – Freedom of Navigation of the Great Rivers, pp. 498-516. Google Books; Cf. <http://goo.gl/HHPxy0> (Acessado em 02/09/2013).

WOOD, Robert D. *Page, Thomas Jefferson*. American National Biography Online. American Council of Learned Societies. Oxford University Press, 2000.